

7087

# FATIMA-50

Ano II - Nº 14 13/Junho/1968

INTERNATIONAL







# INTENÇÕES DE PAZ

RADIOMENSAGEM PAULO VI

13 DE MAIO DE 1968

Caríssimos peregrinos do Santuário de Fátima:

A nossa voz une-se, nesta hora, às vossas, para honrar Maria Santíssima, Mãe de Nosso Senhor Jesus



DEPÓSITO LEGAL  
-0 JUN. 1968

Cristo; e, convosco, tem intenção de celebrar a singular plenitude de graça que Deus Lhe conferiu, para que Ela fosse, para toda a humanidade, a criatura eleita e exemplar, a Causa da Nossa Alegria, a fonte dulcíssima da nossa esperança, a nossa Advogada puríssima junto da misericórdia divina.

Convosco, também nós A saudamos, A veneramos, A bendizemos; todos juntos, nós queremos oferecer-Lhe os nossos corações, com a devoção mais sincera, com a afeição mais filial, com a promessa mais decidida de fidelidade a Cristo e à Santa Igreja, da qual nós professamos que Ela é Mãe piedosa e clemente.

E, em união convosco, filhos caríssimos, nós pedimos à Santíssima, à Beatíssima Virgem Mãe de Cristo, como já o fizemos o ano passado, nesse local, a Ela particularmente dedicado que, mediante a Sua intercessão, seja alcançada a paz interna para a Igreja Católica, pela virtude do Espírito Santo, e a paz externa para o Mundo, ainda turbado por dolorosos conflitos e por lutas contrárias à fraternidade humana.

Pedimos-Lhe ainda pela integração, na unidade da Igreja, dos irmãos cristãos, separados de nós; pedimos-Lhe também pelas missões católicas espalhadas sobre a Terra; e, finalmente, pedimos-Lhe por todos vós, que neste momento vos encontrais reunidos no Santuário de Fátima: que Ela vos conforte, vos proteja e vos abençoe.

Queremos confirmar estes votos com a nossa bênção especial, para vós pessoalmente, para os vossos entes queridos, para as vossas terras, ao mesmo tempo que, em confiante união de espírito, saudamos o Senhor Cardeal-Patriarca de Lisboa, o Senhor Cardeal nosso enviado especial, os senhores Bispos, os Sacerdotes, os Religiosos e Religiosas e todos os fiéis aí reunidos, com as Autoridades civis e peregrinos provenientes de várias nações: para todos imploramos, com a celeste protecção de Maria, as mais copiosas graças do Senhor.

# FÁTIMA-50

INTERNATIONAL

Ano II-Nº 14 13/Junho/1968

REVISTA MENSAL DE ACTUALIDADES,  
DOCUMENTAL E ILUSTRADA  
(ESPAÑOL, FRANÇAIS, ENGLISH)

Editor e Director:

Cón. Dr. JOSÉ GALAMBA DE OLIVEIRA

Chefe de Redacção:

Dr. MÁRIO MANUEL D'OLIVEIRA FIGUEIREDO

Propriedade do SANTUÁRIO DE FÁTIMA

Direc. Literária e Artística: MÁRIO DE FIGUEIREDO

Redacção, Administração e Publicidade:

SANTUÁRIO DE FÁTIMA · Telef. 97468

PREÇÁRIO (pagamento adiantado): Assinatura anual (12 números) — 100\$00 — Exemplar avulso: 10\$00  
Ultramar, Espanha e Brasil — Assinatura anual: 120\$00  
Outros países — Assinatura anual: 130\$00

PRIX D'ABONNEMENT - 12 numeros (un an): 130\$00  
Les paiements peuvent être effectués en devises étrangères au taux du jour.

SUBSCRIPTION RATES - Series of 12 copies (1 year): 130\$00 — Payment may be made in any currency at rate of exchange of the day.

SUSCRIPCIÓN ANUAL: 120\$00. El pago puede hacerse efectivo mediante giro postal o cheque bancario.

## NESTE NÚMERO:

### ACTUALIDADES

Peregrinações ..... 4  
O Mundo em Fátima ..... 8

### DOCUMENTOS

Pastoral do sr. Bispo de Leiria ..... 24

### COLABORAÇÕES

O Rosário pela Bíblia ..... 20  
Filatelia ..... 35

### TESTEMUNHOS

Intenções de Paz ..... 2  
Homilia do sr. Bispo de Carmona ..... 18

### ILUSTRAÇÕES

Fotos a cores, (na capa, Monumento a Paulo VI e o seu autor) de Mário de Figueiredo; fotos a preto e branco, de «MARINHO»

### RESUMOS

Resúmenes — Résumés — Summary ..... 33

Accepta-se publicidade, seleccionada. Preços a combinar.

«FÁTIMA-50» declina toda a responsabilidade sobre os originais que não forem solicitados directamente. Não obstante agradece toda a colaboração espontânea que, se for conveniente, será devidamente retribuída.

Composto e impresso por

GRIS, IMPRESSORES, S.A.R.L., Cacém/Portugal.





# PEREGRINAÇÕES





# CLAUSURA DO ANO JUBILAR DE FÁTIMA

12-13 de MAIO 1968

Esta foi a última peregrinação do Ano Jubilar de Fátima. Para a solene clausura do Cinquentenário o Santo Padre dignou-se enviar um representante especial, tendo delegado essa honra ao Cardeal Pericle Felice, Vigário do Cardeal Arcepreste da Basílica Patriarcal de São Pedro e uma das figuras de maior prestígio durante o último Concílio Ecuménico. O eminente Purpurado que chegou a Lisboa no dia 11 pelas 17 horas, era aguardado por S. E. Cardeal Patriarca de Lisboa, senhor D. João Pereira Venâncio, Bispo de Leiria e seu Auxiliar D. Domingos de Pinho Brandão; Revdmo. Côn. Aurélio Galamba de Oliveira; Revdmo. Côn. José Galamba de Oliveira; Mons. Angelo Acerbi, Encarregado de Negócios da Santa Sé na ausência do senhor Núncio Apostólico que se encontrava em Roma; dr. António de Faria, Embaixador de Portugal no Vaticano; dr. Salvatore Porcarí Di Destri, Ministro Conselheiro da Embaixada da Itália; dr. Emílio Patrício, chefe do Protocolo do Ministério dos Negócios Estrangeiros; Mons. António Avelino Gonçalves, Director do jornal NOVIDADES; António Corrêa de Oliveira Stottomayor; dr. Vilhena, pelo Director Geral das Alfândegas; Mário Falcão, subdirector do aeroporto de Lisboa; Rev. P.º Morais Sarmiento, capelão dos T. A. P.; Paolo Rocca, director da «Alitália» em Portugal; dr. Gomes Branco; Revdmo. Côn. Marques dos Santos; Aurélio Rodrigues, representando os T. A. P.; Mons. Moreira das Neves, etc. etc. e muito povo.

As primeiras palavras do Enviado Especial de Paulo VI ao descer do avião, foram as seguintes:

**«Os meus melhores votos são para que o povo português possa corresponder sempre, ao longo da vida, à graça insigne que a Virgem de Fátima fez há tantos anos e continua fazendo todos os dias com a Sua maternal bênção».**

Respondendo aos jornalistas, S. Emcía. Cardeal Felice afirmou ser a primeira vez que vinha a Portugal. Agradeceu a presença das ilustres autoridades que o receberam, bem como dos sacerdotes e fiéis que se dignaram dispensar-lhe um acolhimento cordial, muito gentil. Terminou sublinhando: **«Tenho a certeza de que, depois desta minha estadia em Portugal, regressarei a Roma com o Povo Português no Coração».**

A comitiva do Cardeal Enviado de Paulo VI era constituída por Mons. Mariano de Nicoló, Mons. Vincupo Carbone e Rev. dr. Mário Silveira Ribeiro, da Secretaria de Estado do Vaticano que prestou aos órgãos de informação todos os esclarecimentos pedidos e lhes deu sempre uma colaboração eficaz e simpática.



## INAUGURAÇÃO DA ESTÁTUA DE PAULO VI

No dia 12, às 19 horas, junto à Cruz Alta, paralela à qual fica o monumento a Paulo VI, comemorativo da sua peregrinação a Fátima, realizou-se a cerimónia da sua inauguração. Numa tribuna especial foi recebido o Cardeal Pericle Felice, chegado momentos antes da capital, pelo Eminentíssimo Cardeal D. Manuel Gonçalves Cerejeira, sr. Bispo de Leiria, D. João Pereira Venâncio e quase todos







os Arcebispos e Bispos da Metrópole e seus Auxiliares, bem como alguns Prelados do Ultramar.

Tomando a palavra, o senhor Bispo de Leiria afirmou:

## DISCURSO DO SR. BISPO DE LEIRIA

*Eminentíssimo e Reverendíssimo Senhor:*

*Não sei de que palavras me poderia servir para exprimir cabalmente os sentimentos de alegria e de gratidão que me irromperam da alma ao receber a faustosa notícia da vinda de V. Eminência Reverendíssima a este Santuário, como alto Representante do Sumo Pontífice. É esse mesmo júbilo e profundo reconhecimento que me inundam o coração no momento em que vemos satisfeito o nosso anseio ardente e a nossa esperança se transforma em consoladora realidade.*

*E se é certo, Eminência, que a suma dignidade da augusta pessoa do Sumo Pontífice nos tornaria digno de estima e apreço o enviado de Sua Santidade a estas celebrações, fosse ele quem fosse, não é menos verdade que dificilmente poderia Sua Santidade escolher pessoa cuja presença nos fosse tão simpática e querida. É que à honra especial de que a escolha do Vigário de Cristo para tão nobre missão nesta hora, nimba a frente de Vossa Eminência, serve-lhe de base e fundamento o conjunto de admiráveis qualidades humanas de talento, de primorosa educação e larguíssima cultura humanística e eclesial, de fino trato social e rara habilidade para os contactos humanos, aliado à posse de excelsas virtudes cristãs e de tão larga folha de serviços e benemerências para com a Santa Igreja que, com a maior justiça, o fizeram ascender à alta dignidade da Púrpura Romana. Bastaria, se mais não houvesse, recordar aqui o papel singular por Vossa Eminência desempenhado, com a maior prudência e profundo conhecimento dos homens e dos problemas, durante o II Concílio Ecuménico do Vaticano que revelou ao mundo a sua riquíssima personalidade. Recordo-o com saudade e com alegria por ter sido a oportunidade de Vossa Eminência reafirmar os dotes extraordinários recebidos da Providência ou adquiridos com o próprio esforço ao longo dos anos.*

*Cumpre-me, por isso, Eminência Reverendíssima, dar-lhe as boas vindas e a esta sauda-*

*ção, cheia de respeitosa estima, juntar a pública manifestação do nosso agradecimento em meu nome pessoal, em nome deste Santuário e da diocese de Leiria e no de todos os peregrinos e devotos de Nossa Senhora de Fátima. Que a vinda de Vossa Eminência a esta terra sagrada lhe seja de grande consolação e que, ao partir, leve na alma, como o Santo Padre, uma viva saudade destas horas gastas no Santuário que a Mãe de Deus fundou e tornou objecto da Sua predilecção.*

## EVOCACÃO DO DIA 13 DE MAIO DE 1967

*Não posso, porém, esquecer que Vossa Eminência não se encontra aqui a título meramente pessoal, mas chega até nós investido da excelsa qualidade de enviado do Santo Padre, o Papa Paulo VI, para fazer o encerramento das comemorações cinquentenárias a que Sua Santidade, em pessoa, faz amanhã um ano, se dignou dar começo.*

*Como não lembrar neste momento, Eminência Reverendíssima, esse dia 13 de Maio de 1967, em que uma multidão imensa teve a dita sem par de ter junto de si o «Peregrino dos peregrinos», peregrino humilde, como Sua Santidade se quis nomear a si mesmo, a orar com os seus filhos aqui presentes pelas intenções mais a peito ao seu coração de Pai e Pastor: a paz e unidade na Igreja, a paz no Mundo?*

*Recordamos todos as palavras e exortações do Vigário de Cristo, tão claras, tão oportunas, tão quentes e sentidas e, mais ainda, a lição muda mas eloquente da sua piedade irradiante, da sua simpatia conquistadora que arrebatou até o coração dos que não tinham fé e foi motivo de regresso à prática religiosa de alguns que dela andavam afastados. Por muitos anos que o Senhor nos dê de vida não mais passará da lembrança a memória desse grande dia — o maior de Fátima, depois das aparições — e cada peregrino, do mais alto ao mais humilde, e cada telespectador guarda na retina a imagem querida de Paulo VI, Peregrino de Fátima.*

## O MONUMENTO A PAULO VI

*Mau grado, porém, esta doce e inextinguível lembrança e se terem fixado alguns dos mais altos momentos desse dia impar em produções magníficas do cinema, da rádio e televisão, nas páginas de tantos jornais e revistas nacionais e estrangeiras e de tantos outros brilhantes documentários de carácter artístico e literário, aparecidos na altura e durante o Cinquentenário, não poderíamos deixar de assinalar tão histórica data com um monumento de natureza mais duradoura. Foi o que resolveu fazer a*



Comissão Central do Cinquentenário, com o aplauso do Venerando Episcopado Português e concurso dos peregrinos.

Este monumento, Eminentíssimo Senhor, além de concretizar no bronze o nosso reconhecimento e o de todos os devotos de Nossa Senhora de Fátima, de Portugal e do Mundo inteiro, por graça tão assinalada, e ficar a lembrar aos vindouros dia tão singular, quer ser também símbolo e prova do nosso inabalável amor e dedicação ao Vigário de Cristo e de fidelidade inquebrantável à Sé de Pedro. Não é o apego fiel à Sé de Pedro timbre da nossa Pátria que de há séculos goza do honroso epíteto de «Nação Fidelíssima»?

E ninguém poderá maravilhar-se de que seja Paulo VI, que o Senhor guarde, proteja e conserve e encha de todas as bênçãos e de todos os bens, de que seja Paulo VI, digo, a figura que concentra a nossa gratidão.

Como não havia de ser assim depois do que Sua Santidade disse no memorando encerramento da III Sessão do Concílio, do que o ano passado escreveu nas credenciais do seu Legado «a latere», o Eminentíssimo Cardeal Costa Nunes, depois de ter honrado este Santuário com dons preciosíssimos, entre os quais avulta a Rosa de Ouro, e, sobretudo, após a sua histórica vinda a este mesmo lugar sagrado?

Por tudo isto e por tudo o mais que, por brevidade, sou forçado a omitir, se mandou erguer aqui o monumento que Vossa Eminência é convidado a daqui a momentos dar-nos a honra de inaugurar. Quisemo-lo assim, Eminência, a eternizar no bronze o momento culminante da vinda do Papa a Fátima, no qual, diríamos, Sua Santidade se encontra em êxtase diante da Imagem da Virgem de Fátima.

E sentimo-nos contentes por ter confiado essa incumbência ao talento do grande escultor Joaquim Correia, filho desta Diocese que, por mérito próprio, ocupa lugar de destaque entre os seus pares e o alto cargo de director da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa e, com esta obra, engasta na sua coroa de glória de artista a gema mais preciosa.

Bem queríamos, Eminência, ter promovido a construção dum monumento que estivesse mais em proporção com o talento do artista, com a dignidade do Augusto homenageado e com a grandeza do facto que comemora. As circunstâncias, porém, não nos permitiram fazer mais. Digne-se Vossa Eminência levar ao Santo Padre Paulo VI a afirmação espontânea de que este monumento de bronze e de mármore é apenas a exteriorização material de um outro que nem o tempo desfaz nem os homens podem destruir—o que Sua Santidade pessoalmente gravou de forma indelével na alma e no coração de cada um de nós.

## CONSERVA-SE EQUILIBRADA E INTACTA A DEVOÇÃO DA GENTE PORTUGUESA À RAINHA DO MUNDO

Pedia licença para acrescentar mais uma palavra.

Encerra-se hoje e amanhã a série de festas comemorações em que tomaram parte multidões incalculáveis que, a exemplo do Pai Comum dos Fiéis, aqui vieram juntar as suas preces às do Vigário de Cristo.

Nos congressos, nas peregrinações ou isoladamente, nos dias grandes ou de menor movimento foi um corrúpio de peregrinos vindos de todas as nossas províncias e Dioceses e praticamente de todas as Nações onde se respeita ao homem a liberdade fundamental e inalienável de prestar culto a Deus e de erguer as mãos ao Céu. Mais do que nunca, tornou-se o Santuário em imenso braseiro aonde as almas vieram aquecer-se e afervorar-se.

Vieram grandes e pequenos, vieram governantes e gente do povo, peregrinos de todas as condições sociais.

Juntaram-se aqui os Pastores com as suas ovelhas, os representantes do povo com os seus municípios, forças da ordem, religiosos.

Não houve espectáculos nem realizações profanas que chamassem a atenção, e não temos pena disso.

O Santuário foi durante este Ano Cinquentenário igual a si mesmo, sem pretensões e sem profanação ou esquecimento das características dadas pela Mãe de Deus na Sua Mensagem maternal—o Santuário da oração e da penitência, com o convite à emenda e melhoramento da vida.

E agora que o Cinquentenário se encerra, Fátima continuará a ser um centro de irradiação de vida de piedade e de vida apostólica, um lar onde a Diocese de Leiria fraternalmente dará as boas-vindas a quantos se procurarem acolher ao silêncio e ao recolhimento deste local santificado pela presença da Mãe de Deus, a fim de permitirem que o Espírito Santo refaça as suas energias espirituais.

Pode Vossa Eminência Reverendíssima assegurar ao Santo Padre que, enquanto vivermos, enquanto esta terra bendita continuar a empar-se de lágrimas e de sangue e daqui se elevarem ao trono da Mãe de Deus e por Ela à Trindade Santíssima as preces fervorosas dos milhões dos seus peregrinos, estarão aqui sempre presentes as mais urgentes intenções da Santa Igreja e de Sua Santidade.

Terá Vossa Eminência ocasião de observar como se conserva equilibrada e intacta a devoção da nossa gente à Rainha do Mundo, sem conde-



náveis excrescências nem certas hesitações ou recusas contrárias ao pensamento do Papa e à clara doutrina do Concílio do Vaticano. Como com essa devoção se casa harmoniosamente e sem atritos o amor para com o Filho, sobretudo no Mistério Eucarístico do Santo Sacrifício da Missa e na recepção da Sagrada Comunhão e como, pelo ministério dos Sacerdotes, Fátima se transforma numa nova Probática Piscina, onde tantos readquirem a vida divina e vêm ao encontro do Pai. Na verdade o mar de luz em que a Cova da Iria daqui a pouco parece transformar-se é imagem apagada mas sugestiva do calor e da caridade em que as almas se abrasam para com Cristo, Senhor Nosso, e para com Maria Santíssima, Sua e nossa Mãe.

Ao terminar e pedindo a Vossa Eminência se digne dar-nos, na altura própria, uma primeira e promissora bênção pontifical, faço votos ardentes por que o Céu ouça as nossas humildes orações e dê aos cristãos e à Santa Igreja a unidade e ao Mundo inteiro o almejado e tão necessário dom da paz.

O Eminentíssimo Cardeal Pericle Felice respondeu nestes termos:

## DISCURSO DO CARDEAL FELICE

Senhor Cardeal-Patriarca de Lisboa,  
Senhor Bispo de Leiria e demais Irmãos no  
Episcopado,  
Excelentíssimas Autoridades,  
Peregrinos e Fiéis caríssimos!

Ao pisar a terra abençoada de Fátima e ao usar pela primeira vez em público a vossa bela língua portuguesa, que tenho pena de não saber falar com maior perfeição, queria, antes de mais, saudar-vos a todos cordialmente, em nome do Santo Padre, a quem represento, assegurando-vos a sua muita estima de Pai amantíssimo e, também, em meu nome pessoal.

Desejaria, depois, quanto possível, fazer-vos comungar dos meus sentimentos, neste momento, para mim inolvidável. Na verdade, a minha alma prostra-se em grata adoração, diante do Altíssimo e, com Maria e por Maria, glorifica ao Senhor, que por Ela aqui continua a operar maravilhas. Com efeito, o espectáculo que tenho diante dos meus olhos e a vossa atitude, a um tempo entusiasta e devota, fazem-me recordar e referir-vos aquela palavra do Senhor: «que os homens vejam as vossas boas obras e dêem glória ao Pai que está nos céus». (Mt. 5, 16).

Sim: o exemplo que estais a proporcionar ao mundo de hoje — exemplo do sentido exacto dos imperativos da vossa fé, de espírito de sacri-

fício, de adesão à Igreja, pela adesão ao seu Supremo Pastor — constitui, sem dúvida neste Ano de Fé, um testemunho edificante, para todos aqueles que dele se quiserem aperceber.

## PALAVRAS DE AGRADECIMENTO

Quis Vossa Excelência, Senhor Bispo de Leiria, com as suas palavras calorosas, começar por referir-se, em termos cativantes, à minha humilde pessoa e, com amável e requintada gentileza, dar-me as boas-vindas. Sensibilizado, quero, neste momento, colocar tudo o que de bem possa ter feito ou venha ainda a fazer ao serviço da Santa Igreja, nas mãos de Maria, aqui no Seu Santuário de Fátima, para que ela o apresente, revestido dos seus próprios méritos e dos do Seu divino Filho, ao Pai das Misericórdias, como preito filial, de quem muito Lhe está penhorado.

Desejo, outrossim, exprimir o meu sincero reconhecimento pelas palavras repassadas de amizade e consideração de Vossa Excelência Reverendíssima, pela presença honrosa e amiga do Senhor Cardeal-Patricarca de Lisboa, dos Senhores Bispos, das Autoridades e de todos vós, peregrinos de Fátima: que Deus vos pague por tão fidalgo acolhimento, enchendo-vos das Suas bênçãos, assim como a todo o bom povo de Portugal, cuja hospitalidade é já proverbial e está, uma vez mais, a ser comprovada aqui.





## PEREGRINO COMO O SANTO PADRE

*Como o Santo Padre, faz amanhã um ano, venho também eu a Fátima, como peregrino, melhor, qual seu Enviado Especial, venho continuar a sua peregrinação; para além da celebração festiva de uma data, venho com muito gosto e alegria a este encontro de irmãos para, na sintonia de sentimentos, na sintonia da caridade com todos vós, peregrinos, em espírito de oração e de penitência, continuarmos a rezar e a sacrificar-nos pelas intenções que aqui trouxeram o Papa: isto é, pelo triunfo do Amor na Igreja e no Mundo inteiro, pela consecução do «inestimável dom da paz».*

*Que a Senhora Se digne receber-nos, abençoar-nos e apresentar-nos ao Seu divino Filho, a Cristo Ressuscitado e Glorioso; e que amanhã, ao partirmos de Fátima, após estas horas de intimidade com Jesus, com Maria e uns com os outros, nesta assembleia de Filhos de Deus, vamos todos inflamados de uma alegria e de um ardor, semelhantes aos dos Apóstolos, que neste Tempo Pascal a Liturgia nos propõe, para nossa edificação: que das nossas almas possa irromper aquele grito de júbilo e de triunfo, «Vimos o Senhor,» não já com os olhos do corpo, bem entendido, mas com os olhos da nossa fé; e que o nosso empenho em darmos aos outros que não puderam ou não quiseram vir, esta boa nova seja tal, que também eles sejam impelidos a procurá-l'O, porque Ele é «a luz que ilumina todo o homem que vem a este Mundo», (Jo. 1, 9).*

## DEMONSTRAÇÃO DE SENTIR COM A IGREJA

*Agora, encontramos-nos aqui, Irmãos, como muito bem evidenciou o Senhor Bispo de Leiria, para render homenagem ao Sumo Pontífice, ao Vigário de Cristo felizmente reinante, Sua Santidade Paulo VI. Na qualidade de seu Enviado Especial, com gratidão imensa a inundar o meu coração por tão subida honra, para ele endereço as vossas e as minhas saudações filiais, respeitadas e afectuosas.*

*Ao «doce Cristo na terra», depois, ao regressar a Roma, referirei, de muito bom grado, não só a inauguração deste monumento, gesto cuja nobreza se impõe por si; e não só as palavras vibrantes de devoção do Senhor Bispo de Leiria, que bem expressam, estou certo disso, os sentimentos de todos vós, mas referir-lhe-ei sobretudo o amor que me é dado auscultar em todos vós e compartilhar convoco: amor à Igreja, no amor reconhecido ao Papa que veio a Fátima, que vos levou a erigir-lhe este monumento e que vos congregou, nesta hora.*

Após os discursos, escutados atentamente por mais de cem mil pessoas, os Prelados dirigiram-se ao monumento que foi descerrado, sem mais cerimonial, pelo Enviado do Papa. Esteve presente à cerimónia da inauguração da estátua o seu autor, escultor prof. Joaquim Correia, o qual conseguiu realizar uma obra digna, de muito equilíbrio e profunda expressão. Trata-se, porventura, se não da sua melhor obra, de uma obra em que se manifesta







toda a sua garra de escultor de classe, senhor de uma técnica obediente a uma ideia bem definida do que quer ou se lhe encomenda.

A estátua é de bronze. Representa o Papa ajoelhado a rezar diante da imagem de Nossa Senhora, apenas sugerida na expressão do rosto do Pontífice e no lançamento do plinto e do corpo da estátua. Mede, só a estátua, 3,60m de altura. Assenta sobre um plinto de mármore rosa, de Lioz, de 2,30 m de altura e por sua vez erguido sobre uma plataforma de três degraus de pedra granítica branca. No plinto, à frente, e a um lado e outro, respectivamente, três baixos-relevos representando as armas pontificias, a sessão do II Concílio do Vaticano em que Paulo VI concedeu a Rosa de Ouro ao Santuário de Fátima e a sua chegada, a do Papa, a este Santuário no dia 13 de Maio de 1967.

Inaugurada a estátua, os Bispos e fiéis dirigiram-se em cortejo para a Capelinha das Aparições onde se detiveram em breve oração para, seguidamente, se dirigirem à tribuna levantada no topo da escadaria da Basílica donde o Enviado do Papa e em nome deste deu a primeira bênção aos peregrinos que o aplaudiram.

#### VIGILIA EUCARÍSTICA

As cerimónias religiosas desta peregrinação tinham sido preparadas, durante três dias, com pregação pelo Revdmo. D. António Ribeiro, Bispo Auxiliar de Braga que pregou igualmente durante a grande vigília eucarística da noite de 12 para 13. Foi, de veras, uma grande vigília eucarística numa noite singularmente amena. Deviam estar no recinto mais de 300 000 peregrinos que acompanharam, empunhando outras tantas velas, o Santíssimo Sacramento durante a procissão em volta da esplanada. Os Bispos rodeavam o pálio empunhando archotes, eles os primeiros no exemplo de fé e devoção ao Santíssimo





Sacramento. Durante o resto do noite ficou o Santíssimo solenemente exposto à adoração dos fieis que à primeira hora da manhã ouviram missa e comungaram em número de muitos milhares. O número de comunhões distribuídas apenas na Basilica e na esplanada foi de 55 000. Não se contam as comunhões distribuídas em igrejas e capelas existentes na Cova da Iria e arredores imediatos, em número muito razoável. Quase duas centenas de sacerdotes estiveram, igualmente, durante toda a noite, à disposição dos peregrinos que desejavam receber o sacramento do perdão ou penitência.



Às 10 horas do dia 13, recitado o Terço de Nossa Senhora, foi a imagem da Capelinha conduzida processionalmente para o seu trono ao lado do altar exterior da Basilica, armado sob o docel de uma tribuna imponente. O andor estava adornado de flores brancas, cravos, e algumas orquídeas, de tal modo que a branca imagem da Senhora parecia mais uma flor, uma grande flor branca entre flores brancas.

## MISSA SOLENE

Iniciou-se a Missa presidida pelo Cardeal Pericle e concelebrada pelo Cardeal Patriarca de Lisboa, Bispo de Leiria, Patriarca Alvernaz e mais vinte e dois Arcebispos e Bispos de Portugal Continental ou Ultramarino e ainda, particularmente, pelos Prelados estrangeiros D. Alberto Gaudêncio Ramos, Arcebispo de Belém do Pará que viera com 150 peregrinos da sua diocese, Mons. Agustín Adolfo Herrera, Bispo de São Francisco, Argentina e Mons. George Pelletier, Bispo de Trois Rivières, Quebec, Canadá.

Na altura da Missa deviam estar no recinto para cima de 600 000 peregrinos de Portugal e de muitos países estrangeiros, desde os mais longínquos à vizinha Espanha.

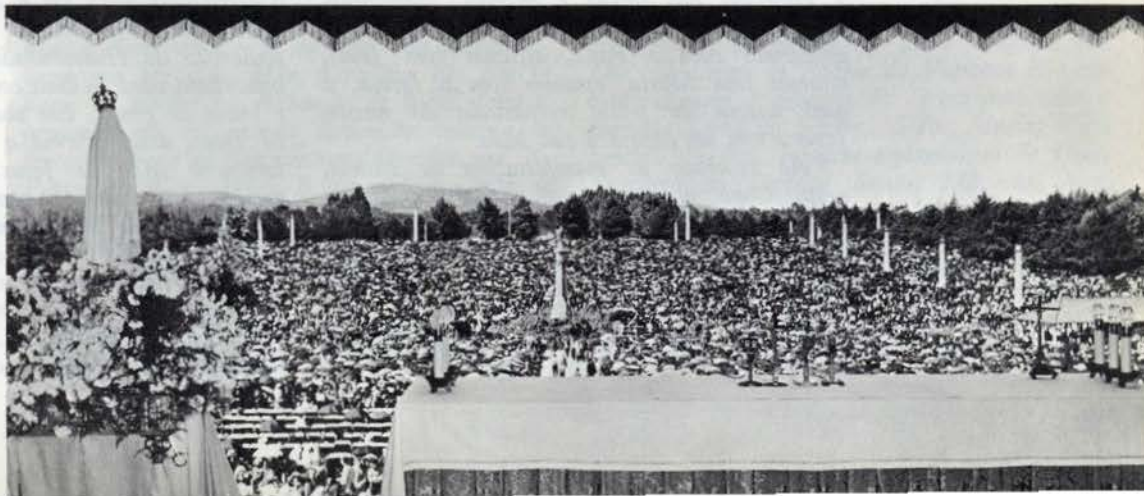
Ao Evangelho e após a sua leitura, o Cardeal Enviado de Paulo VI pregou a notável homilia que reproduzimos na íntegra:

*Meus caríssimos irmãos:*

*Demos graças ao «Pai das misericórdias e Deus de toda a consolação» (II Cor. 1, 3) que nos concede a alegria de celebrarmos, em comunhão de espírito, o encerramento do Cinquentenário das Aparições da Virgem Mãe de Deus, neste recanto privilegiado da gloriosa terra de Portugal. Demos graças a Maria que, no volver de meio século, desde aquele dia memorável em que se dignou dar à Humanidade, através de crianças inocentes, uma mensagem que a convida à oração e à penitência pela paz no Mundo, até aos dias de hoje, multiplicou, não só neste local, mas no Mundo inteiro, os Seus benefícios, marcados com o toque suave da Sua mão materna.*

## FIDELIDADE E OBEDIÊNCIA AO PAPA

*Encerramos solenemente o Cinquentenário, no mesmo lugar onde há um ano precisamente — recordamo-nos todos com emoção — o Supremo Pastor da Igreja, o Santo Padre Paulo VI, rodeado de cardeais, de bispos, de sacerdotes, de religiosos e de uma multidão inumerável de peregrinos, que aqui vieram de todas as partes da Terra, quis render à Virgem da Cova da*







*Iria, em nome de toda a Igreja, homenagem de devoção e de veneração. Tal homenagem teve o seu momento talvez mais expressivo, na oferta de um rosário precioso, colocado com profunda união espiritual, nas mãos da Imagem veneranda, que aqui temos ante os nossos olhos.*

*Para o Sumo Pontífice, para o Pai amantíssimo das nossas almas, em nome de quem tenho a subida honra de presidir a esta celebração, vai nesta hora o nosso pensamento devoto, reconhecido e afectuoso. Num momento histórico, em que a Igreja, continuando muito embora a ser o sinal da salvação levantado diante das nações (Cfr. Is. 5, 26), tem de enfrentar gravíssimas provas, para cumprir a missão de bem que lhe foi confiada por Cristo, unamo-nos compactamente em volta daquele que representa na Terra «o Bispo e Pastor das nossas almas» (I Pedr. 2, 25): prometamos-lhe, ainda uma vez, fidelidade e obediência, para a unidade da Igreja; e desejemos-lhe todos, em coro, a plenitude das forças e energia: «Dominus conservet eum et vivificet eum» (Salm. 40, 3). Se estivermos com o Papa, estamos com Jesus, estamos com Maria, estamos com a Igreja, a qual nasceu do peito trespassado do mesmo Jesus e tem em Maria a sua Mãe.*

*Ao recordar as manifestações de Maria, nesta Cova abençoada, afigura-se-nos que a Sua doce imagem se nos torna presente, ante o nosso olhar devoto e atônito; parafraseando Camões — «Presença serena | que a tormenta amansa | nela enfim descansa | toda a nossa pena». E, espontaneamente, uma exclamação irrompe dos nossos corações: «Quem é esta, que*

*assim nos aparece, fúlgida como a aurora, bela como a Lua, e brilhante como o Sol?» (Cfr. Cant. 6, 9).*

*Ela, a protagonista de tantas glórias, não nos vai certamente responder, com voz sensível, como outrora às crianças inocentes; mas, de maneira certa e segura, responder-nos-á a nossa fé, que os Padres e Doutores da Igreja, sob as directrizes do Sumo Pontífice, no Segundo Concílio do Vaticano, consagraram em páginas estupendas, que vieram juntar-se, completando-as e aperfeiçoando-as, aquelas outras magníficas, escritas pelos Padres de Éfeso e Calcedónia.*

*Maria é-nos aí apresentada como membro de eleição dentro da Igreja, como a sua figura e tipo, como modelo que a mesma Igreja deve venerar e imitar, como sinal de esperança certa e de consolação para o Povo de Deus peregrino. (Cfr. Const. Dogm. sobre a Igreja, «Lumen Gentium», cap. VIII).*

*Maria é a filha de Adão, predestinada desde a eternidade para ser a Mãe do Verbo Encarnado, Sua companheira generosa na obra da Redenção da Humanidade e, por isso mesmo, imaculada desde a Sua concepção, sempre virgem e cheia de graça. Em obediência pronta à voz de Deus, assim afirma o Vaticano II, «Maria tornou-se Mãe de Jesus; e, não retida por pecado algum, abraçou com generosidade o desígnio salvador de Deus e consagrou-Se totalmente, qual Escrava do Senhor, à pessoa e obra de Seu Filho, servindo assim, subordinada a Ele e juntamente com Ele, o mistério da Redenção, pela graça de Deus» (L. G. n.º 56). Maria tornou-se deste modo causa da nossa salvação,*





desatando com a sua obediência o nó da desobediência de Eva e tornando-nos a dar, com a Sua fé, aquilo que a incredulidade de Eva nos tinha miseravelmente tirado. Donde, o chamar S. Epifânio a Maria «Mãe dos viventes» (Haer. 718, P. G. 42, 728), e S. Jerónimo, em uníssono com muitos outros Padres da Igreja, afirmar, em frase lapidar: «a morte por meio de Eva, a vida por meio de Maria» (Ep. 22, 21 P. L. 22, 408).

#### A UNIÃO DE NOSSA SENHORA COM CRISTO

Toda a vida de Maria, de cujo seio se desprende e brilhou «a luz que ilumina todo o homem que vem a este mundo» (Jo. 1, 9), se desenrola em comunhão íntima com a de Jesus. Maria é a primeira e a mais excelsa criatura, a reproduzir em si, não só os traços físicos do mesmo Jesus, que Ela mesma Lhe transmitiu com a geração humana, mas também, e mais ainda, a fisionomia espiritual e sobrenatural. A afirmação de São Paulo — «Eu vivo, mas já não sou eu que vivo; é Cristo que vive em mim» (Gal. 2, 3), tem a sua primeira plena realização em Maria.

Com efeito, como elegantemente diz o Padre Vieira, comentando Santo Ambrósio, «ninguém se deve maravilhar de que havendo de dar princípio o Redentor à obra da Redenção do mundo, começasse por Sua Mãe, para que Ela que O havia de ajudar na Redenção de todos, fosse a primeira que na mesma Redenção colhesse os frutos do fruto do Seu ventre» (Sermões, vol. X, Porto, 1908, p. 116). E assim é que não se pode pensar em Maria sem que nos acuda logo à mente o pensamento de Jesus, que é o autor da Sua nobreza, da Sua santidade e da Sua glória.

Quem na verdade ama e venera Maria em nada detrai o culto e o amor devido ao único

Redentor e Mediador; pelo contrário, toda a honra que possa prestar-se a Maria, aumenta a honra devida ao Seu Filho, ao qual Ela está intimamente unida. (Cf. r L. G. n.º 62). Não foi acaso o próprio Jesus quem nos deixou um exemplo, que podemos considerar único, de amor filial, para com a Sua Mãe dulcíssima? E não encontrou o mesmo Jesus refúgio no seio de Maria e a Sua habitação dilecta no coração imaculado da Mãe?

Em virtude desta íntima conjunção com o Filho de Deus, Maria está também intimamente unida com a Igreja, da qual Ela é, não só membro e figura, mas também a Mãe que na verdade cooperou com amor materno na regeneração e formação de todos aqueles que foram resgatados pelo Sangue do Salvador, reflectindo neles os imperativos mais altos da fé (Const. L. G. n.º 65). Ademais, mostrou, com a Sua gloriosa assunção em corpo e alma, os radiosos horizontes celestes, onde a Igreja, que agora ainda peregrina sobre a Terra, virá a atingir a sua perfeição no tempo futuro (Const. L. G. n.º 68).

#### INVOCAÇÃO À SANTÍSSIMA VIRGEM

Extasiados diante desta visão do Paraíso, prostremo-nos aos pés da Virgem Santíssima e invoquemo-la com aqueles títulos repassados de ternura, ordenados em prece litânica, que Lhe tributaram os Padres do Vaticano II e que bem resumem a devoção da Igreja para com a humilde Serva do Senhor: Salve, Maria, Filha bendita do Pai, Imagem esplendorosa de Deus, Sacrário do Espírito Santo, Mãe de Deus, alma Mãe do Redentor, Mãe do Sacerdote eterno, Virgem beatíssima e santíssima, Imaculada, nova Eva, Mulher Ideal, Mãe virginal, Mãe dos viventes, Mãe dos Apóstolos, Advogada, Auxílio dos Bispos e dos Cristãos, Mediadora da Graça, Filha e Mãe da Igreja,



Sinal certo de Esperança, Causa da nossa Alegria ...

Sim! O Mãe, tesouro de fé, exemplo de esperança, chama ardente de caridade, ensinamos e ajuda-nos a acreditar em Cristo, nosso único Salvador, a esperar os bens celestes, a amar com todo o coração a Deus, que é Caridade e Amor supremo, a amar Jesus Caminho, Verdade e Vida (Jo. 14, 16) e paz das nossas almas (Ef. 2, 14).

## A ORAÇÃO E A PENITÊNCIA, SEGREDO DA PAZ INTERIOR

Mas, enquanto assim se desprende de nossos lábios o canto repassado de alegria à Mãe parece que a Sua voz materna, em resposta, nos repete ainda aquelas palavras que há cinquenta anos fez ouvir e que contêm uma mensagem de paz, daquela paz que o mundo procura com afã, mas que, infelizmente, não pode dar. A paz há-de vir-nos do Vencedor da morte e do pecado e hemos de consegui-la por intercessão de Maria, Rainha da Paz, pomba celeste que traz consigo o ramo de oliveira.

Escutemos, pois, a Sua voz que nos convida à oração e à penitência: oração e penitência que, hoje em dia, tantos homens, demasiado confiantes nas suas conquistas, esquecidos não raro da ferida original, apesar da presença contínua da dor e da morte nos seus caminhos, dão a impressão de haver esquecido, se é que não chegam mesmo a desprezá-las, como costumes de tempos passados e superados.

E, no entanto, como bem nos recorda a nossa Mãe, é na oração e na penitência que está o segredo da nossa paz interior, da paz nas famílias e da paz no Mundo.

É bom recordar, neste momento, com quanta insistência o Segundo Concílio do Vaticano recomenda também, a todos, a oração: não só a pública e litúrgica, mas também a privada e pessoal, colóquio íntimo com Deus, que é prelúdio da eterna contemplação, reservada aos eleitos, aos amigos do mesmo Deus. É necessário orar e orar sempre. A oração humilde e confiante é a nossa força. Daí, a insistência unânime a que oremos: convida-nos a isso Jesus, exorta-nos a Igreja, pela voz dos seus Pastores, e, sobretudo, pelo caloroso apelo do Sumo Pontífice.

Depois, a penitência, a mortificação, para a qual a Virgem Santíssima tanto nos alerta, faz, também ela, parte da nossa vida cristã de tal maneira que, sem ela, a vida dum discípulo de Cristo não se compreende. De facto, Cristo, nosso Redentor e nosso Modelo padeceu e sofreu por causa dos nossos pecados e foi pre-

cisamente através da Sua obediência e mortificação que nós fomos salvos. Sofreu também, pela nossa Redenção, Maria a Senhora das Dores: «Um místico sofrer ... uma ventura | feita só de perdão, só de ternura | e paz da nossa hora derradeira», como disse um dos vossos grandes poetas (Antero de Quental). Abraçando a cruz de Cristo, encontraram a salvação plêiades inumeráveis de homens e de mulheres que agora no Céu entoam o hino de glória ao Cordeiro, sacrificado pela salvação de todos.

Também neste ponto, notamos hoje, infelizmente, em muitos, mesmo daqueles que se dizem cristãos, um acomodar-se, um quase ceder ao espírito do mundo, daquele mundo que não quis reconhecer Cristo (Cfr. Jo. 1, 10) e pelo qual o mesmo Cristo não orou (Cfr. Jo. 17,9); daquele mundo que só encontra a sua satisfação no orgulho, na concupiscência, no apego às riquezas efêmeras da terra (Cfr. I Jo. 5, 19; 2, 16).

O Vaticano II convida insistentemente os Presbíteros e, através deles, todos os fiéis «a imitar aquilo que tratam, no sentido de que, celebrando o mistério da morte do Senhor, devem procurar mortificar os seus membros dos vícios e concupiscências» (Decr. Presbyterorum Ordinis, n.º 13).

Ressoam ainda hoje, com toda a sua validade, as palavras do Senhor: «Se não fizerdes penitência, morrereis» (Lc. 13, 5). E, aos homens do nosso tempo, a Igreja recorda com cuidados de Mãe, que não temos aqui, sobre a Terra, uma habitação permanente; mas a nossa casa, a nossa verdadeira pátria, é o Céu: a pátria dos crucificados com Cristo.





## OUÇAMOS A VOZ DO PAPA E DA RAINHA DA PAZ

*Enquanto que por toda a parte se multiplicam os esforços para que seja hasteado o ramo de oliveira, sinal da paz, e esta torne feliz e tranqüila a Terra inteira, prestemos ouvidos ao nosso Venerando Sumo Pontífice o qual, com uma generosidade e abnegação admiráveis, proclama ao mundo a mensagem evangélica da paz; ouçamos todos, por ocasião desta reevocação cinquentenária de Fátima, também a voz da Mãe e seja doravante mais generoso o nosso empenho na oração e mortificação.*

*É este o presente mais belo que podemos oferecer a Maria Santíssima, nesta data festiva e sempre. Ofereçam-no, pois, os sacerdotes, parte eleita do Povo de Deus, que com o seu ministério de pacificação e salvação fazem viver nas almas Cristo Senhor; ofereçam-no os religiosos que, com a dedicação exigida pela sua profissão, prestam um testemunho bem claro dos valores eternos, aos quais a Humanidade está destinada; ofereçam-no ainda as fileiras inumeráveis de leigos, a quem o Concílio recorda, de modo muito particular, o sagrado dever de animar de espírito cristão o mundo em que vivem e em que trabalham; ofereçam-no também, com a generosa oferta dos seus sofrimentos, que se tornaram preciosos pela cruz de Cristo, todos os doentes, especialmente os que estão aqui presentes, por entre os quais vão passar daqui a pouco o próprio Jesus Sacramentado e, depois d'Ele, na Sua Imagem, a celeste Advogada e Consoladora, a Virgem Maria.*

*E que a Mãe da Igreja tenha misericórdia de todos nós, pecadores, e oiça as nossas preces ardentes que imploram, para a Igreja e para o Mundo inteiro, santidade, justiça, caridade e paz.*



Prosseguiu a Missa que foi acolitada pelos Revdts. Pes. Francisco Vieira Jordão e Henrique Fernandes da Fonseca, sendo mestre de cerimónias o Revdmo. Cônego Aurélio Galamba de Oliveira e à comunhão, quase todos os Bispos concelebrantes foram distribuí-la aos fiéis ao longo das cordas paralelas à escadaria.

Antes da bênção dos doentes o senhor Bispo de Leiria introduziu a mensagem do Papa Paulo VI que se escutaria momentos depois.

O Eminentíssimo Cardeal Felice deu a bênção com o Santíssimo aos doentes que estavam inscritos em número de 260. Entretanto ouviam-se e repetiam-se as invocações habituais mas sempre comoventes. Para a bênção dos doentes, antes de iniciá-la com







o Santíssimo Sacramento, usou-se a fórmula empregada o ano passado pelo Papa. Também na oração dos fiéis, à missa, foram introduzidas duas invocações recomendadas insistentemente pelo Papa que encarregou o seu enviado de as transmitir aos portugueses, e eram principalmente pelo encontro de soluções justas de paz na justiça e caridade de Cristo e pela paz interna na Igreja.

Entretanto e até esse momento, os Servitas de Nossa Senhora já tinham assistido a 613 casos de urgência, 496 dos quais graves. Tinham dado, igualmente, mais de 2 500 informações.



Assistiram à missa e incorporaram-se na procissão do «Adeus», o venerando Chefe do Estado e sua Exma. Esposa e filha, os srs. Ministros do Interior e Corporações, srs. Presidentes da Assembleia Nacional e Câmara Corporativa, srs. Subsecretários da Presidência, Administração Escolar e Juventude e Desporto. Ainda o sr. Duque de Bragança e Embaixador de Portugal no Vaticano.







Estavam ainda presentes mais os seguintes Bispos estrangeiros que não referimos junto com os celebrantes: Mons. Raimundo M. Martin, Bispo Resignatário de Alta Vera Paz, Guatemala; Mons. Constantino Trappazi, Bispo de Nicosia, Sicilia e Mons. Neinbacher, Bispo Auxiliar de Viena de Austria.

Dada a bênção com o Santíssimo Sacramento aos peregrinos, organizou-se a procissão conduzindo a imagem de Nossa Senhora para a Sua Capelinha, num «adeus» de saudade e devoção que o era também às solenes cerimónias que durante 13 meses se celebraram no Santuário de Fátima para comemorar os 50 anos volvidos sobre as Aparições da Virgem Maria.







## O MUNDO EM FÁTIMA

# «ULTREYA» JUBILAR DE FÁTIMA

O movimento de revigoração cristão chamado «Cursos de Crisandade», fundado em Espanha por Mons. Juan Hervas, Bispo de Ciudad Real,

e imediatamente espalhado pelo Mundo inteiro, a começar pelo nosso País, determinou realizar, em Fátima, integrada no Cinquentenário, uma que eles chamam, em linguagem característica, «Ultreya» geral. A «ultreya» consiste numa reunião periódica, após o curso propriamente dito, em que os «cursistas» (como se chamam os indivíduos que assistem a um curso de crisandade) contam as suas experiências numa comunicação oral que se chama «testemunho».

A «ultreya» jubilar realizou-se nos dias 4, 5 e 6 de Maio e constou de estudos vários além dos habituais testemunhos. Estiveram presentes mais de 30 000 pessoas de muitas nacionalidades dos quatro continentes, mas especialmente de Portugal e da Espanha.

A peregrinação dos «cursistas» culminou, no Domingo, com a apresentação de vários testemunhos, a nível internacional.

### HOMILIA DO BISPO DE CARMONA

O testemunho, porém, aguardado com expectativa era o do Bispo de Carmona (Angola), D. Francisco da Mata Mourisca, a quem se encomendara o que, em linguagem de iniciados cursistas, se chama «rollo místico».

E correspondeu à expectativa, ultrapassando tudo quanto se poderia esperar. Quem ouviu D. Francisco na memorável série de conferências pronunciadas em Lisboa de segunda-feira a sábado da semana anterior, julgaria que o orador havia de continuar naquela linha actual de esclarecimento da vida cristã, porventura **avancada** na mentalidade atrasada de alguns. Mas não. D. Francisco foi tradicionalmente actual e actualíssimamente tradicional. Disse, descontrada e desassombadamente, que o Terço é uma reza para os nossos dias. E perguntou: «Se Nossa Senhora aqui viesse, neste instante, pedir que rezássemos o terço, algum de vós se negaria a fazê-lo?»



E passou os olhos pela assistência à espera da resposta. Aguardou um instante. Nem um só o contradisse.

«Pois bem», continuou, «é o que a Virgem Maria pediu e pede desde há 50 anos a esta parte. Em todas as Suas aparições pediu que se rezasse o terço todos os dias.

«Julgam alguns, equivocadamente, a reza do terço pouco digna, inferior a outras rezas mais bíblicas, segundo dizem. Mas não é o Pai-Nosso uma oração bíblica? Mais ainda: a oração que ensinou o próprio Cristo e compromete a Deus porque estamos a rezar-Lhe como nos propôs que rezássemos? E outro tanto se pode afirmar da Avé-Maria, oração iniciada pelo Arcanjo S. Gabriel, enviado de Deus, e continuada pela Igreja, depositária da Palavra de Deus.







«Outros afirmam que a repetição de Avé-Marias deve cansar Nossa Senhora ... Mas poderá cansá-La o ouvir o louvor melhor que dedicar-Lhe se pode por recordar o momento em que Deus a fez Sua Mãe?

«Nem sequer o terço é mais atreito a provocar distração em quem o recita do que outras orações. Gostaria de saber até que ponto esses tais estão atentos durante a reza de outras orações, para ver até onde chega a sua pretensão ...»

E o Bispo missionário prosseguiu:

«O terço é uma oração ao Pai, na qual recorremos à intercessão de Nossa Senhora pedindo-Lhe que reze por nós. Nela a Virgem Maria exerce a Sua mediação.

«Nossa Senhora é o aqueduto da graça de Deus.

«Todos os papas, especialmente os mais recentes, têm recomendado a devoção do terço. E Nossa Senhora pediu-o em todas as aparições, indicando, com isso, ser a devoção providencial para o nosso tempo. Parece que Deus quer servir-se do Coração da Mãe para contrabalançar a força do modernismo que pretende dar à Humanidade um coração técnico».

E, recordando as recomendações que faz aos soldados na sua diocese africana, D. Francisco disse que «se a metralhadora de 50 balas que é o terço, fosse mais usada, seria menos necessário empregar as outras metralhadoras».

«O terço é ainda», continuou, «a oração mais adequada para todas as idades e todas as classes, pela facilidade com que pode ser rezada.»

E a terminar, afirmou:

«A Liturgia católica chama à Virgem Maria a «Porta do Céu». Ora se Maria é a «Porta do Céu», a chave é o terço».

## OS LEIGOS NA IGREJA

Falou, a seguir, o iniciador dos «Cursos de Críandade», D. Juan Hervas, Bispo de Ciudad Real, Espanha.

Agradeceu a presença de tantos «cursistas» que só com a sua estada ali, naquele instante, testemunhavam a vitalidade e autenticidade dos cursos, «uma inspiração e bênção de Deus para a Igreja nos últimos anos».

Mostrou Nossa Senhora de Fátima como modelo de «cursistas», por ser a Virgem a primeira e mais qualificada testemunha de Cristo e ter vindo a Fátima testemunhar a perene actualidade do Evangelho na mensagem de **penitência e oração**.

Disse como a Igreja chama os leigos à consciência do seu papel para colaborarem eficazmente com a Hierarquia na cristianização do Mundo.



Recordou ainda como os Papas lhe garantiram a sua confiança nos «Cursos de Críandade», deles esperando a melhor contribuição para a renovação cristã que se deve processar.

E, vincando a ideia da necessidade de uma íntima vinculação à Igreja na obediência, para a eficácia do apostolado dos leigos, lembrou duas figuras célebres da Idade Média, ambas portadoras de uma mensagem de renovação cristã e social. Eram Pedro Baldo e Francisco de Assis. Mas enquanto o primeiro fracassou e caiu na heresia por ter prescindido da autoridade da Igreja, pretendendo mesmo criar uma Igreja sem hierarquia, o segundo levou a cabo a mais encantadora e positiva reforma de todos os tempos, ainda hoje válida.

Mas Francisco de Assis fez a sua obra obedecendo sempre à Hierarquia.

Os dois eram leigos. Óbvio é qual dos dois serve de exemplo para os leigos de hoje.

Também as últimas palavras de Mons. Hervas foram abafadas com aplausos.

Seguiu-se a missa, que foi concelebrada pelos Cardeais e Bispos, nacionais e estrangeiros, e algumas dezenas de sacerdotes.

Sua Eminência o Cardeal-Patriarca dirigiu, particularmente aos espanhóis, umas palavras que traduziam os pensamentos expressos na notável homilia proferida no mesmo local no dia 28 de Abril.

A comunhão foi distribuída a alguns milhares de participantes. Passava das 14 horas quando, terminada a missa, foi retirada a imagem de Nossa Senhora e os peregrinos dispersaram, levando da Cova da Iria e das horas ali vividas, recordações imorredoiras.

Estiveram presentes vários Bispos de Portugal e estrangeiros, particularmente, além daqueles a que se faz menção especial, o Cardeal de Tarragona, Espanha. Entre várias individualidades, os srs. Ministros da Saúde e Assistência, das Corporações e antigo Ministro da Justiça.



## TEM POMARES?

Se não tem e na sua região é tradicional haver fruteiras, consulte os Serviços Técnicos Oficiais competentes. Veja se não deveria instalar um bom pomar. Se já tem trate-os bem com bons adubos.

**NITROLUSAL e NITRAPOR** são dois magníficos adubos de **NITRATOS DE PORTUGAL**

indicadíssimos para pomares, vinhas e olivais que dão esplêndidos resultados quando aplicados em quantidades suficientes. Repare que em Portugal já há quem gaste mais de duas toneladas de adubos por hectare, mas também há quem faça mais de 120 contos em fruta, num ano, por hectare.

Trate bem os seus pomares.

**NÃO POUPE NOS ADUBOS!**





Baixo relevo do altar do "Pentecostes" na Basílica de Fátima

## O ROSÁRIO PELA BÍBLIA

Oliveira Figueiredo

### A VINDA DO ESPÍRITO SANTO

#### A EFUSÃO DO ESPÍRITO

«Quando chegou o dia de Pentecostes<sup>(1)</sup> estavam todos juntos no mesmo sítio. E, de repente, produziu-se do céu um ruído como de vento impetuoso e encheu toda a casa onde eles estavam. E apareceram, divididas, línguas de fogo que pousaram sobre cada um deles, ficando todos cheios do Espírito Santo e começaram a falar em línguas diversas conforme o Espírito os movia a falar<sup>(2)</sup>».

Residiam em Jerusalém judeus, homens piedosos, de quantas nações há debaixo do céu; e correndo esta voz, juntou-se uma multidão que ficou confundida ao ouvi-los falar, cada um na sua língua. Estupefactos e admirados, diziam: Não são Galileus

todos estes que falam? Então, como os ouvimos nós falar cada um na nossa própria língua, na qual nascemos? Partos, Medos, Elamitas, os que habitam na Mesopotâmia, na Judeia, na Capadócia, no Ponto e na Ásia, na Frígia e na Panfília, no Egipto e nas bandas da Líbia que estão perto de Cirene, e os forasteiros romanos, judeus e prosélitos,<sup>(3)</sup> Cretenses e Árabes, como é que os ouvimos falar nas nossas próprias línguas as grandezas de Deus? E todos atônitos e fora de si, diziam uns aos outros: Mas que será isto? Outros, porém, mofavam, dizendo: Estes estão cheios de mosto» (Act. 2, 1-13).

#### DISCURSO DE SÃO PEDRO

«Estando Pedro de pé, com os Onze, levantou a voz e falou-lhes: Homens judeus e todos os habitantes de Jerusalém, ouvi e prestai atenção às minhas palavras. Estes não estão bêbedos como vós pensais, pois é apenas a hora tertia<sup>(4)</sup> do dia. Isto é o que foi dito pelo profeta Joel (2, 28-32 - 3, 1-15): E sucederá nos últimos dias, disse Deus, que derramarei o meu espírito sobre toda a carne, e profetizarão os vossos filhos e as vossas filhas, e vossos jovens verão visões, e vossos anciãos sonharão sonhos. E sobre os meus servos e sobre as minhas servas derramarei o meu Espírito naqueles dias e profetizarão. E farei prodígios em cima no céu, e sinais em baixo na terra, sangue e fogo e nuvens de fumo. O sol se tornará trevas e a lua sangue, antes que chegue o dia do Senhor, grande e manifesto. E todo o que invoca o



nome do Senhor se salvará.

Homens Israelitas, escutai estas palavras; Jesus Nazareno, homem acreditado por Deus entre vós, com milagres, prodígios e sinais, que Deus fez por Ele no meio de vós, como vós mesmos sabeis. A este, tendo-o entregado, segundo os desígnios da presença de Deus. O levantastes na cruz e Lhe destes a morte pela mão dos infiéis. Mas Deus, destruídas as dores da morte, ressuscitou-O, porque não era possível que fosse dominado por ela...

Tenha pois, por certa, toda a casa de Israel, que Deus fez Senhor e Cristo a este Jesus a quem vós crucificastes» (5) (Act. 2, 14-24 e 36).

## EFEITOS IMEDIATOS E VIDA DOS PRIMEIROS CRISTÃOS

«Ouvindo estas coisas sentiram-se compungidos de coração e disseram a Pedro e aos demais Apóstolos: Que havemos de fazer, homens irmãos?»

Pedro respondeu-lhes: Arrependei-vos e baptizai-vos no nome de Jesus Cristo (6) para remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo. Porque esta promessa é para vós e para os vossos filhos e para todos os que estão longe, quantos a Si chamar o Senhor nosso Deus. E com muitas outras palavras dava testemunho e os exortava dizendo: Salvai-vos desta geração perversa (7). Então eles receberam a sua palavra e baptizaram-se, e naquele dia converteram-se umas três mil almas.

E perseveravam em ouvir os ensinamentos dos Apóstolos e na comunicação, na fracção do pão e nas orações (8).

Nascia em todas as almas o temor, eram operados muitos prodígios e sinais pelos Apóstolos em Jerusalém e a todos possuía grande medo (9). E todos os crentes viviam unidos tendo todos os seus bens em comum, pois vendiam todas as possessões e fazendas e distribuíam-nas entre todos segundo a necessidade de cada um (10) (Act. 2, 37-46).

## MEDITAÇÃO DO MISTÉRIO

*Os Apóstolos no Cenáculo, reunidos em redor de Maria, recebem o último dom de Cristo, o Seu Espírito, o Consolador e Advogado. Com a vinda e difusão do Espírito Santo a herança de Cristo, ainda trepidante e ansiosa, recebe a marca da catholicidade que a dilata a todos os confins. O Espírito Santo continua as Suas efusões sobre a Igreja, todos os dias; os séculos e os povos pertencem-Lhe. Os Seus triunfos nem sempre estão à vista, mas de facto estão cheios de surpresas e de maravilhas.*

A intenção deste mistério abrange a disposição e preparação do Concílio Ecuménico que está confiado às operações de graças celestiais e quer ser no mundo «como que um novo Pentecostes». (Oração pelo Concílio Ecuménico). O Paráclito derrama sobre vós a plenitude dos Seus Dons.

S.S. João XXIII

## COMENTÁRIO

### I — A REVELAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

a) O Espírito Santo, cuja acção se manifesta abertamente na Igreja fundada por Jesus Cristo e promulgada solenemente

no dia de Pentecostes, só veladamente se revela nos livros do Antigo Testamento.

Aí fala-se-nos claramente do Pai, pela obra da criação e por toda a história maravilhosa do Povo de Deus, prepara-se-nos o advento do Filho pelas profecias e figuras que se Lhe referem, mas só depois da Sua manifestação no Novo Testamento é que nós vamos descobrir nos textos da Antiga Aliança a «Promessa do Pai» que é o Espírito de Deus.

Deus é um só, individua Trindade, mas revela-se-nos distinta e pessoalmente como Pai, Filho e Espírito Santo, numa economia ou ordem sobrenatural e eterna que nós não podemos alterar.

Assim costumamos dividir o tempo da História em três períodos dos quais, o primeiro, anterior à primeira vinda de Cristo, é o reino do Pai, o segundo, constituído pelo advento de Cristo até à Sua Morte e Ressurreição, é o reino de Jesus Cristo, e o terceiro, iniciado no Pentecostes, a Igreja ou reinado do Espírito Santo, o qual durará até ao fim dos séculos, (Mat. 28, 20) com a presença jurídica de Jesus, na pessoa dos Seus representantes hierárquicos; a Sacramental, na Eucaristia; e espiritual pelo Espírito Santo.

Após o segundo advento de Cristo será o reino eterno do céu na presença beatífica da Augusta Trindade que «veremos face a face» (I Cor. 13, 12) sem os véus que agora constituem os mistérios, vivendo da Caridade, (Ibi. 13) a essência de Deus: «Deus é caridade» (I João, 4, 16).

b) A revelação ou profecia mais clara do Espírito Santo está contida em Joel, 3, 1-5, cuja significação nos declara São Pedro no seu discurso ao povo após a manifestação «ruidosa e impetuosa» do Pentecostes (Act. 2, 14-21). A seguir todo o livro dos Actos dos Apóstolos, chamado por São Gregório o «Evangelho do Espírito Santo», é o testemunho vivo da Sua presença real influxo vital, divina inspiração.

### II — A PROMESSA DE DEUS

a) «Não vos deixarei órfãos; tornarei a vós» (João, 14, 18) dizia Jesus aos Seus discípulos no Sermão da Ceia, por um lado havia de aparecer-lhes por diversas vezes após a Ressurreição, e, por outro, promete-lhes e «a Sua palavra é verdade», outro consolador: «Rogarei ao Pai e Ele vos dará outro Advogado que esteja convosco eternamente: o Espírito da Verdade, que o mundo não pode receber porque O não vê nem conhece; vós conhecei-Lo porque permanece ao vosso lado, está em vós», (Ib. 14, 16-17). «Esse Paráclito o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas que eu vos disse» (Ib. 14, 26).

b) A «Promessa do Pai» que Jesus ordena aos Apóstolos esperarem em Jerusalém para serem baptizados no Espírito Santo e receberem a Sua força que sobre eles descerá para serem testemunhas de Jesus até aos confins da terra (Act. 1, 4-5 e 8), deduz-se, da profecia de Joel aduzida por São Pedro no seu discurso, ser para todos os homens: «nos últimos dias, diz o Senhor, eu derramarei o meu Espírito sobre toda a carne» (Joel 3, 1 e Act. 2, 17). E quando os ouvintes, «trespassados de dor os seus corações» (Act. 2, 37) perguntaram a Pedro o que deviam fazer, ele responde-lhes que «se arrependam e baptizem em nome de Jesus» e «recebereis, diz, o Espírito Santo, porque para vós é a Promessa e também para os vossos filhos e para todos os que estão afastados...» (Act. 2, 38-39).

Para receber, porém, o dom do Espírito Santo, é necessário prepararem-se pela «conversão ou arrependimento» (Ib. 38), pelo «baptismo em nome de Jesus o verdadeiro baptismo cristão para a remissão dos pecados» (Ib. 38) e pelo «afastamento dos homens perversos» (Ib. 40).

Uma vez recebido o Espírito, os cristãos tornam-se «testemunhas de Jesus Cristo ressuscitado» (Act. 1, 8).



### III — A ACÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

#### a) NA IGREJA — CORPO MÍSTICO DE CRISTO

Em primeiro lugar o Espírito Santo actua na edificação e crescimento do Corpo Místico de Cristo que é a Igreja.

São Paulo compara a Igreja de Cristo a um corpo: «Do mesmo modo que o corpo é um e tem muitos membros, e sendo muitos os membros do corpo constituem, não obstante, um único corpo, assim também Cristo», que é a Igreja, a multidão organizada dos fiéis, como se depreende do que diz imediatamente a seguir: «porque todos nós fomos baptizados num mesmo Espírito, judeus ou gregos, escravos ou livres», isto é todos os homens chamados à Igreja, «para formar um só corpo. E a todos nos foi dado a beber um mesmo Espírito» (1 Cor. 12, 12-13).

O Espírito Santo actua neste Corpo de duas maneiras: primeiro incorporando-nos em Cristo, pelo Baptismo, pelo qual todos os fiéis formam um só corpo; depois comunicando-nos profusamente, sobretudo pela Confirmação, os seus carismas em ordem ao bem comum deste Corpo (1 Cor. 12, 7).

Estes carismas são na ideia de São Paulo que é a base de toda esta doutrina, não só imprescindíveis, pessoalmente. «porque ninguém, falando com Espírito de Deus, diz «anátema Jesus»; e tão pouco alguém pode dizer «Senhor Jesus» se não pelo Espírito Santo, como ainda e sobretudo graças sociais, ou seja dons sobrenaturais para proveito do Corpo Místico: «Idêntico é o Espírito, mas os carismas são diversos... A cada qual se dá a manifestação do Espírito para o proveito de todos. A um lhe é dada, pelo Espírito, linguagem de sabedoria; a outro, segundo o mesmo Espírito, linguagem de ciência; a outro, fé em virtude do mesmo Espírito; a outro, operar milagres; a outro, profecia; a outro discernimento de espíritos; a outro, variedade de línguas; a outro, interpretações de línguas mas é um mesmo e único Espírito que obra estas coisas repartindo particularmente a cada um conforme quer» (1 Cor. 12, 3-4 e 7-11).

Algumas passagens dos Actos dos Apóstolos em que se nos apresenta o Espírito Santo dirigindo sobrenaturalmente a Igreja na sua organização e na sua expansão missionária: (4, 8; 5, 3 e 9; 6, 3 e 5; 8, 15 e 29; etc.) e particularmente esta: «Olhai por vós mesmos e por toda a grei, no meio da qual o Espírito Santo vos pôs como Bispos para pastorear a Igreja de Deus, que Ele fez Sua com o Seu próprio sangue» (Act. 20, 28).

«Aquele que, procedendo ao mesmo tempo do Pai, verdade eterna, e do Filho, verdade substancial é igualmente Espírito de verdade e tira de um e doutro ao mesmo tempo a essência e toda a verdade, dá à Igreja esta mesma verdade velando, por uma presença e assistência contínua, para que ela nunca fique exposta ao erro e possa, dia a dia, fecundar mais abundantemente os germes destinados a dar frutos de salvação para os povos. E como a Igreja, meio de salvação para todas as gentes, deve permanecer sem mancha até ao fim dos tempos, o Espírito Santo dá-lhe, para o fazer crescer e conservar-se, uma vida e uma força eternas: «Eu rogarei a meu Pai e Ele vos dará um outro Paráclito o Espírito de verdade, para que Ele fique sempre convosco» (João, 14, 16-17).

«É por Ele que os Bispos são constituídos onde o ministério gera não só filhos, mas também pais, isto é Padres, para governar a Igreja e nutri-la com o Sangue de Cristo que a resgatou (Act. 20, 28, cit. acima). Uns e outros, Bispos e Padres, por uma graça insigne do Espírito Santo, possuem o poder de perdoar os pecados, segundo a palavra de Cristo aos Apóstolos: «Recebei o Espírito Santo: a quem perdoardes os pecados ser-lhes-ão perdoados, a quem os retiverdes ser-lhes-ão retidos» (Jo. 20, 22-23). Nenhuma prova demonstra mais claramente a divindade da Igreja que o esplendor e a glória dos carismas de que o Espírito Santo a revestiu. Permita-se-nos, pois, afirmar que, se Cristo é a Cabeça da Igreja, o Espírito Santo é a Sua alma: «o Espírito Santo (S. Aug. serm. CLXXXVII de tempo.) é na Igreja, Corpo Místico de Jesus Cristo, o que a alma é no nosso corpo» — Leão XIII, *Enc. Divinum illud*, 9 de Maio de 1897.

#### b) NA ALMA DOS FIEIS

Mas é sobretudo como santificador das almas que o Espírito Santo é considerado. Aí realiza Ele uma operação não menos real que misteriosa, como se depreende dos seguintes textos de São Paulo:

«Os que são conforme a carne aspiram às coisas da carne; mas os que são conforme ao Espírito, aspiram às do Espírito. Ora a aspiração da carne é morte; mas a aspiração do Espírito é vida e paz. Pois a aspiração da carne é inimizada com Deus, posto que se não submete à lei de Deus e nem sequer lhe é possível e os que estão na carne não podem agradar a Deus.

Mas vós não estais na carne mas no Espírito, se é que o Espírito de Deus habita em vós. Se algum não tem o Espírito de Cristo, esse não é d'Ele. E se Cristo está em vós, o corpo que, certamente está morto por causa do pecado, é vivificado pelo Espírito que justifica. E se o Espírito do que ressuscitou Cristo de entre os mortos habita em vós, o que ressuscitou Jesus Cristo dos mortos vivificará também os vossos corpos mortais por obra do Seu Espírito que habita em vós» (Rom. 8, 5-11).

Por isso o cristão deve ter um grande respeito pelo seu corpo que é templo de Deus; «Não sabeis que sois templo de Deus e o Espírito Santo habita em vós. Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá a ele, porque o templo de Deus que sois vós, é santo» (1 Cor. 3, 16-17).

O cristão, filho de Deus, é pela acção do Espírito Santo que clama por Seu Pai: «É porque sois filhos, enviou Deus lá do céu de junto de si aos nossos corações o Espírito do Seu Filho, o qual clama: Abba! Pai!» (Gal. 4, 6).

#### c) A COOPERAÇÃO DOS FIEIS COM O ESPÍRITO

Esta acção do Espírito Santo na alma do justo requer a cooperação pessoal para conseguir a perfeição; na destruição dos frutos carnis pelos frutos do Espírito Santo: «É pelo Espírito que nós, em virtude da fé, aguardamos a esperança da justiça...

Vós fostes chamados à liberdade, irmãos, mas não tomeis essa liberdade como pretexto para soltar as rédeas da carne mas, pela caridade, fazei-vos escravos uns dos outros. A lei condensase nesta palavra: «Amarás ao teu próximo como a ti mesmo». Digo-vos, portanto, que caminhaes em espírito e não dareis satisfação à concupiscência da carne. A carne deseja contra o espírito e o espírito contra a carne... Se vos deixardes guiar pelo Espírito Santo, não estareis sob a pressão da lei... As obras da carne são: fornicação, impureza, libertinagem, idolatria, feitiçaria, inimizades, contendas, emulações, furor, provocações, depravação, seitas, invejas, homicídios, borracheiras, glotonarias e coisas semelhantes a estas, sobre as quais vos previno pois, como já vos disse, os que tais obras fazem não herdarão o reino de Deus. Mas a frutificação do Espírito é caridade, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, continência... Os que são de Jesus Cristo crucificaram a carne com as paixões e concupiscência. Se em espírito vivemos, caminhaes também em espírito» (Gal. 5, 5 e 13-25).

#### IV — VÍNCULO DE UNIÃO E PENHOR DE VIDA ETERNA

É pelo Espírito Santo que somos santificados e formamos um só com Cristo no Seio do Pai. Ele é a vida das nossas almas, alma da Igreja, por Ele comunicam os «santos» por meio dos sagrados mistérios que Cristo nos legou: Todos quantos são conduzidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. Porque não recebestes o espírito de escravidão para reincidir de novo no temor, mas recebestes Espírito de filiação adoptiva, com o qual chamamos: Abba! Pai! O próprio Espírito Santo testemunha juntamente com o nosso espírito que somos filhos de Deus. E se somos filhos, somos também herdeiros; herdeiros de Deus, coerdeiros de Cristo: pois juntamente padecemos para sermos juntamente glorificados» (Rom. 8, 14-17).

«É também o Espírito que vem em socorro da nossa fraqueza. Nem sequer sabemos orar como convém, mas o Espírito intervém em nosso favor com gemidos inefáveis» (Ib. 26).



Finalmente, o Espírito Santo é o penhor da nossa eterna glória: «Fostes selados com o Santo Espírito da promessa, que é arras da nossa herança, para a recuperação do Seu património, para louvor da sua glória» (Efés. 1, 13-14). Esta marca foi impressa nos nossos corações (II Cor. 1, 22).

### ORAÇÃO

**Santíssima Virgem do Cenáculo, nossa Mãe, Imaculada Maria!**

Alcançai-nos, Vo-lo suplicamos humildemente, os dons do Espírito Santo, para que, vivendo em caridade, e perseverando unânimemente em oração, sob a Vossa direcção e magistério, mereçamos, para a maior glória de Deus, trabalhar pela salvação das almas com o exemplo e o trabalho e entrar na vida eterna.

Assisti-nos propícia, Nossa Senhora do Cenáculo, nas actuais necessidades, e socorrei-nos com o Vosso poder, para que Deus Onnipotente e Misericordioso se digne responder favoravelmente às Vossas súplicas, concedendo-nos a graça que insistentemente Vos pedimos. Amém.

Leão XIII

(1) Festa judaica celebrada cinquenta dias depois da Páscoa como a própria palavra «Pentecostes» indica.

(2) Este dom singular e passageiro destinava-se mais a chamar a atenção para o facto real da efusão do Espírito Santo sobre aqueles homens, os Apóstolos, de que propriamente a facilitar a pregação apostólica, que há-de moldar-se aos meios ordinários de expressão, embora, noutras ocasiões se dê novamente este milagre e com o mesmo fim.

(3) Prosélitos são os que embora não sejam da raça judaica praticavam a religião judaica.

(4) Por volta das nove da manhã, hora muito matinal para que já estivessem borrachos.

(5) São Pedro continua a provar-lhes, pelas Escrituras que eles aceitavam, a divindade e missão messiânica de Jesus Cristo, por razão de cujas palavras se converteram muitos dos presentes.

(6) Baptizar-se no nome de Jesus significa receber o baptismo instituído por Jesus Cristo e que se recebe em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

(7) Os judeus que pertinazmente não quiseram acreditar em Jesus Cristo são esta geração perversa a que se refere São Pedro.

(8) Nestas poucas palavras está todo o programa da vida dos primeiros cristãos e, naturalmente, dos cristãos de todos os tempos: Ensinamentos ou doutrina dos Apóstolos, a sua pregação oral, a Tradição que é fonte de revelação como a Sagrada Escritura; a comunicação ou comunhão dos santos, solidariedade entre todos os fiéis; fração do pão ou Eucaristia que consistia na Missa e Comunhão de quantos assistiam à Missa; as orações devem ser as preces, salmos, cânticos que acompanhavam a celebração da Ceia do Senhor.

(9) Este medo era mais assombro diante dos prodígios do que temor como costuma entender-se. Se se prefere, era o justo e santo temor de Deus.

(10) Quem pretender encontrar aqui as bases do comunismo marxista, enganase, pois esta vida comum é absolutamente voluntária e livre e, além dos bens materiais comuns havia orações comuns e mesa comum, o que representa uma vida espiritual com a qual o comunismo não se compadece.



## 1.º ANIVERSÁRIO DO VÔO DE PAULO VI NA T. A. P.

Os Transportes Aéreos Portugueses comemoraram o primeiro aniversário da vinda de Paulo VI a Fátima, utilizando um avião da Companhia, expondo, nas suas delegações no Mundo inteiro, motivos alusivos a essa viagem.

Oferecemos um aspecto da exposição em Nova Iorque, com a maquete, em corte, do avião pontifício, e da exposição de Lisboa, vendo-se o crucifixo oferecido pelo Papa à T. A. P.

Uma viagem que merece ser recordada como todas as que se fazem com a T. A. P.





# ENCERRAMENTO DO CINQUENTENÁRIO

## PASTORAL

## DO BISPO DE LEIRIA

I — 50 ANOS DE GRAÇA...

### Meus Caros Diocesanos

Vai já para dois anos que, julgando cumprir um grave dever do múnus pastoral, vos dirigi algumas palavras, na sequência da Pastoral Colectiva do Venerando Episcopado Português, para vos anunciar a grata celebração de duas datas memoráveis: o Cinquentenário das Aparições de Fátima e o da restauração da Diocese de Leiria.

Ao tentar então descobrir os designios providenciais que parecem ressaltar da estreita união com que, há cinquenta anos, se processaram os dois grandes acontecimentos, disse-vos que «a pequenina Diocese de Leiria teria... sido restaurada para conservar, fomentar, expandir a mensagem celeste que o Coração da Virgem Imaculada depositara, qual diminuta semente do Evangelho no seu Território, para que de baixo da sua guarda e vigilância, se convertesse em árvore de grande porte, capaz de abrigar aves sem número.. (Mat. 13, 32). Desta sorte, continuava, já... o cinquentenário da restaurada Diocese de Leiria, porque intimamente ligado ao das Aparições de Fátima, que a teriam condicionado, se alarga na sua projecção...». E prosseguia, pondo em realce os dois acontecimentos tirando dum e doutro as conclusões que me pareciam mais pertinentes à celebração que em breve se ia encetar.

Venho hoje, de novo, e nesta Festa jubilosa da Páscoa da Ressurreição, dirigir-vos a minha humilde palavra, movido pelos mesmos sentimentos. É que, posto, sem de modo algum o merecer, à frente dos cuidados pastorais da Diocese, parece-me ouvir, sem cessar, a grave admoestação de S. Paulo, na sua primeira carta aos fiéis de Corinto (9, 16): «... ai de mim, se não prego o Evangelho».

Assim, não me move a vanglória, mas a necessidade de cumprir o gravíssimo ónus que me foi imposto: «a solicitude da Igreja» (2 Cor. 11, 28).

Quero ainda, como S. Paulo (2 Cor. 6, 11), tentar por-vos a descoberto o meu coração, nesta hora decisiva para o porvir da nossa amada Diocese, e compartilhar convosco os meus afãs e preocupações (2 Cor. 11, 29).

Cumprindo, pois, este dever pastoral, a que não é lícito subtrair-me, dirijo-vos esta carta, com que quereria encerrar o Cinquentenário das Aparições de Fátima. Não precisamente para fazer um simples anúncio de encerramento dum facto que passou ou em breve vai passar à história, mas, antes e muito melhor, para declarar aberto desde já o novo Cinquentenário, que se vai iniciar com as mais esperançosas perspectivas. Queria colocar esse futuro nas mãos de Deus e da nossa Celeste Padroeira, Senhora de Fátima, Patrona Principal da Diocese por Ela escolhida para trono de Suas graças, com tanta plenitude derramadas sobre os homens, dos quais é Mãe, Rainha e Senhora, nestes cinquenta anos de história maravilhosas.

Realmente, esta Carta Pastoral não quer recolher as lições destes cinquenta anos de vida fecunda em torno do Santuário bendito de Fátima, senão para poder projectá-los em toda a sua intensidade, no futuro que aí vem, como sinais eficazes e criadores das novas energias que agitam hoje esta Igreja Conciliar, no difícil mundo dos nossos dias.

Demais, coincidiu providencialmente o Cinquentenário com o «ANO DA FÉ», em boa hora proclamado pelo Papa Paulo VI. Seguindo as suas directrizes, desejo tirar do facto pretexto para umas tantas reflexões à volta das relações íntimas que ressaltam entre a Mensagem de Fátima e uma vida de fé sincera e profunda.

Finalmente, à vista das maravilhas que o Senhor operou ante nossos olhos, no decurso destes cinquenta anos, por meio de Sua Mãe Santíssima na terra santificada pelos seus pés virgínicos, maravilhas que procurámos celebrar o melhor que nos foi possível, como não sentir-nos animados de santa alegria para entoar, de novo, o mais comovido e jubiloso hino de acção de graças? Como encerrar o cinquentenário, sem recordar agradecidos a quantos gloriosamente nos precederam com o sinal da mesma fé?

Aqui tendes, Caríssimos Diocesanos, os motivos e as razões que me levaram a dirigir-vos esta exortação pastoral.

Ao recordar o Salmista os benefícios de Deus para com o Seu Povo, cantava:

O que ouvimos e aprendemos  
e nossos pais nos contaram,  
não o ocultaremos aos seus filhos:  
narramos à geração vindoura  
os feitos do Senhor e o Seu poder  
e as maravilhas que Ele fez.

...para que em Deus coloquem a sua confiança  
e não esqueçam as obras de Deus,  
mas observem os Seus mandamentos.

(Ps. 77 (78), 3-7, Bíblia, ed. monumental)

É também este o sentimento, que rompe espontâneo do nosso coração, ao contemplar este meio século decorrido desde que a piedosa e sempre Virgem Maria, nossa Rainha e Senhora, quis fazer florir em grama o deserto da Serra de Aire. «Quem é esta que sobe o deserto inebriada de delícias, apoiada sobre o seu amado?» (Cant. 8, 5). É Ela, a flor das flores do nosso campo e o lírio de nossos serenos vales (Cant. 2, 1). Trouxe Ela, em Seu manto virginal, uma primavera de esperança para a nossa Terra; e as flores apareceram por toda a parte (Cant. 2, 12). Ela, a raiz de Jessé, donde brotou a flor da nossa redenção, Cristo Jesus (Is. 11, 1). Ela, a que sempre e só produz frutos de honra e de honestidade (Ecl. 24, 23). Ela que, nestes cinquenta anos, e sempre, foi a «Glória de Jerusalém, a alegria de Israel, a honra do nosso Povo» (Jud. 15, 10). Por Ela, num momento tristíssimo da nossa história, o pranto se converteu em gozo (Est. 9, 12) e a nossa querida Pátria, violentamente despojada das suas antigas e santas tradições, pôde ouvir de novo a bênção do Profeta: «Alegra-te, estéril, que não dás à luz; entoa cânticos de louvor e de júbilo, tu que não tinhas filhos... Alarga o espaço da tua tenda, e estende quanto puderes as peles dos teus pavilhões; alonga as tuas cordas e segura as tuas estacas. Porque tu te estenderás para a direita e para a esquerda; e a tua posteridade tomará posse das nações, e povoará as cidades desertas». (Is. 54, 1-3)

Por essa escolha misericordiosa da Virgem Maria, a nossa pequenina Diocese e com ela Portugal, veio a tornar-se um sinal levantado ante as nações da Terra (Is. 5, 26); e, na Igreja de Deus, como ilustre cidade assente sobre um monte (Mat. 5, 14). Com quanto verdade canta jubilosa a nossa gente:

Ó glória da nossa Terra  
Que tens salvado mil vezes!  
Enquanto houver portugueses,  
Tu serás o seu amor!

A história destes 50 anos está cheia de graças e acontecimentos tão extraordinários que não é fácil resumi-la nos estreitos limites duma exortação pastoral. Não podemos, porém, esquecer os benefícios recebidos; é necessário despertar a nossa gratidão com a lembrança, ao menos sumária, dos pontos culminantes da história de Fátima e seu real significado.

Como bem sabeis, o ciclo das Aparições da Virgem Santíssima e sua consequente Mensagem, fechou-se no dia 13 de Outubro de 1917, pondo-lhe Deus o selo de Suas obras com o estupendo milagre do sol.

Nada importa, caríssimos Diocesanos, que a ciência humana possa pretender descobrir hoje semelhanças, sempre problemáticas, entre aquele maravilhoso fenómeno, contemplado por tantos milhares de pessoas, muitas das quais vivem ainda, e outros fenómenos que podem verificar-se em determinadas condições naturais. Os «Sinais de Deus», na verdade, sempre se apresentam num contexto religioso claro e definido que descobre a presença indiscutível do poder do Alto. E, por outra parte, é historicamente certo que o fenómeno foi anunciado muitos meses antes para dia e hora determinados, em condições impossíveis de prever. O Senhor D. José, de santa memória, escreveu:

«O fenómeno solar de 13 de Outubro de 1917, descrito nos jornais da época, foi o mais maravilhoso e o que maior impressão causou aos que tiveram a felicidade de o presenciar.

As crianças fixaram com antecedência o dia e hora em que se havia de dar. A notícia correu veloz por todo o Portugal e apesar de o dia



estar desabrido, chover copiosamente, juntaram-se milhares e milhares de pessoas que, à hora da última Aparição, presenciaram todas as manifestações do astro-rei, homenageando a Rainha do Céu e da Terra, mais brilhante do que o sol no auge das suas luzes (Cant. 6, 9).

Esse fenómeno que nenhum observatório astronómico registou e, portanto, não foi natural, presenciaram-no pessoas de todas as categorias e classes sociais, crentes e descrentes, jornalistas dos principais diários portugueses e até indivíduos a quilómetros de distância, o que destrói toda a explicação de ilusão colectiva». (*A Providência Divina*, ed. da União Gráfica, pág. 11).

Com esta garantia divina, fechava-se, dizia, o ciclo das Aparições Marianas e da sua Mensagem. Nessas seis aparições, de Maio a Outubro de 1917, e no que a Virgem Maria quis comunicar aos pequenos videntes, se encontra o que um autor, não há muito e com razão, chamou a fase da revelação de Fátima.

Como bem sabeis igualmente, a Mensagem de Fátima, por occultos designios da Providência, que tudo regula com peso e medida (Sap. 11,21) não se tornou pública toda de uma vez. Foi essa mesma Providência que sustentou a fraqueza dos pequenos videntes e guiou a acção pastoral maravilhosa do venerando Bispo de Leiria, Senhor D. José, para ir manifestando, no momento próprio, o que prudentemente podia contribuir para a glória de Deus e bem das almas. Só hoje podemos dar-nos conta de que certas impaciências em exigir a publicação imprudente e imediata de tudo, não teriam sido guiadas pelo Espírito do Conselho; e de que a acção lenta da Jerarquia da Igreja é assistida pelo Espírito, simultaneamente de Fortaleza e Suavidade, que tudo dirige para bem dos eleitos.

Tudo aquilo, pois, que, no decurso destes cinquenta anos, Fátima foi manifestando ante a expectativa entusiasta da Igreja, tinha sido já comunicado naqueles misteriosos colóquios da Virgem, nossa Rainha e Senhora, com os pastorinhos da Serra. O que foi revelado posteriormente não foi mais que a manifestação externa ou o cumprimento do que já se tinha dito ou prometido dizer por parte da Virgem Santíssima. Fátima não deve cindir-se em duas partes, como em juízo de Salomão. Isso seria vivisseção mortífera. Fátima possui unidade histórica, como igualmente é detentora de perfeita unidade intrínseca.

O nosso bom povo português, simples e devoto, começou logo a compreender, com o instinto da fé, e a viver, movido pelo Espírito de Deus, as primeiras manifestações da Mensagem: a oração, a reza do Terço, a penitência, a piedosa peregrinação. Há-de escrever-se um dia a história maravilhosa das «Peregrinações de Fátima», a qual certamente se fará eco das graças singulares que atraem sobre os que as praticam no espírito da Mensagem. Podemos já hoje verificar os fenómenos extraordinários de afluência de multidões jamais vistas, de piedade fervorosa e bem sentida, de oração recolhida e devota, de prática penitencial e eucarística — tudo num calor e vivacidade que, mau grado, os anos decorridos, se tem acentuado num crescendo contínuo.

Foi ele, esse povo humilde — anónimo e grande actor —, e não o interesse humano do Clero, quem sustentou e defendeu Fátima desde as primeiras e graves provas por que a malícia dos tempos e dos homens a fizeram passar. Foi esse povo humilde e bom o que contribuiu decisivamente para que a Jerarquia pudesse advertir com clareza a Mão de Deus nos misteriosos acontecimentos. É neste sentido que deve interpretar-se a frase célebre do Em.<sup>mo</sup> Cardeal Patriarca de Lisboa, nosso Venerando Metropolita: «Não foi a Igreja que impôs Fátima. Foi Fátima que se impôs à Igreja».

Assim, e quase desde a primeira hora, o Papa Bento XV — augusto restaurador da Diocese — parece ter aludido aos acontecimentos quando escreveu que a tradicional piedade mariana do povo português «*hem merecia um singular auxilio da Mãe de Deus*» (29 de Abril de 1918). No dia 17 de Janeiro daquele ano procedera à restauração da Diocese de Leiria, como que dando cumprimento a um designio que se nos afigura providencial.

Quando o primeiro e grande Bispo da restaurada Diocese, meu Venerando Predecessor, o Senhor D. José, nela dava entrada solene no dia 5 de Agosto de 1920, não tarda em se dar conta da graça extraordinária que Fátima seria para a sua Diocese, para Portugal, para a Igreja inteira. E entrega-se totalmente, embora com prudência comandada, ao que praticamente se ficou a chamar a «*Obra de Fátima*».

Em primeiro lugar, nos seus aspectos materiais, condicionamento necessário de desenvolvimento futuro: aquisição de terrenos para construções e decore dos actos de culto; trabalhos de pesquisa de água, pavilhão dos doentes, hospitais, casas de retiros e, pouco depois, a Basílica e a grandiosa esplanada. Como foram possíveis tantas obras? A única verdadeira explicação está sem dúvida na generosa contribuição do povo simples, movido por sua grande fé e amor ardente a Nossa Senhora. Como dizia o Senhor D. José, já em 1930: «*Muitos de vós conheceram o lugar da Cova da Iria, ermo, árido, sem vida.—Tendes visto também as construções que ali se estão a fazer, que naturalmente exigem muito dinheiro.*

Pois bem: até hoje — e o mesmo tem acontecido sempre, acrescento eu — não se abriu uma subscrição, não se pediu uma esmola, não se fez um apelo, em público ou particular, à caridade dos fiéis.

As esmolas são oferecidas espontaneamente, quase todas anónimas. Como é grande a força da fé!» («*A Providência Divina*», pág. 14).

Mas as construções materiais não são mais do que um símbolo e suporte humano das grandes realidades do espírito, de que Fátima tem sido centro irradiador para todo o País e para o Mundo inteiro.

Surgiu um sem-número de obras de piedade e apostolado e outras fontes de vida espiritual: o próprio Santuário, com a sua vida intensa de culto eucarístico e mariano; o Lausperene, Via Crucis e Postulação dos Pastorinhos; os Servitas de Nossa Senhora nos dois grupos de homens e senhoras, os Hospitais, a assistência médica e admirável caridade e acção exercida junto dos doentes e de todos os peregrinos, particularmente os mais necessitados; a Obra dos Retiros e Cursos de formação de toda a ordem, os Cruzados, a «*Voz de Fátima*», nas várias línguas; os Institutos Religiosos e Seminários que formam coroa maravilhosa de vida ascética e consagrada, em torno do Santuário, etc., etc.. Sobretudo, as peregrinações, cada vez mais numerosas, nacionais e estrangeiras, oficiais e particulares, que culminam sempre mais nos Sacramentos regeneradores da vida cristã: Penitência e Eucaristia.

Fátima é hoje, não duvido em afirmá-lo, o primeiro centro espiritual do País e um dos maiores de toda a Igreja.

Diante dos «*Sinais de Deus*», que o Senhor D. José logo descobriu, começa o Venerando Prelado por autorizar o culto público, na Cova da Iria (Setembro de 1921); e em Maio de 1922, nomeia a Comissão Canónica que abre o Processo Diocesano das Aparições.

Ao aludir a este facto central na história de Fátima, não posso deixar de me referir a duas personalidades que foram os seus principais artífices. Uma que dorme já o sono dos justos e que, indubitavelmente, está na base dos maravilhosos acontecimentos, como instrumento providencial sem o qual muito se teria perdido do que hoje possuímos e como seu primeiro e insubstituível historiador — o saudoso Cônego Dr. Manuel Nunes Formigão; a outra, felizmente ainda entre nós e que durante larguíssimos anos dirigiu as peregrinações do Santuário e continua inteiramente dedicado ao serviço da Diocese, o ilustre e muito estimado Monsenhor Manuel Marques dos Santos.

Enquanto a Comissão Canónica Diocesana desenvolvia a sua delicada actividade específica, continuava a obra de Fátima a sua marcha progressiva.

O Episcopado Português, individual e colectivamente, começa a interessar-se vivamente por Fátima, com visitas e exortações aos seus fiéis. E logo surgem as peregrinações diocesanas e de grupos que levariam a devoção e amor à Virgem de Fátima a todos os lares portugueses.

O mesmo sucede com a atitude da Santa Sé. O seu representante em Portugal, Mons. Sebastião Nicotra visita a Cova da Iria, em 1 de Novembro de 1926, ficando profundamente impressionado com a piedade que ali notara. Pio XI distribui como lembrança aos alunos do Colégio Português de Roma, entre os quais me encontrava eu também, estampas de Nossa Senhora de Fátima; concede a Missa Votiva de Nossa Senhora do Rosário (21 de Jan. 1927), benze a primeira Imagem de Nossa Senhora de Fátima que se fica a venerar em Roma, na Capela do Colégio Português, e concede especiais indulgências, segundo a disciplina do tempo, aos peregrinos (anos de 1929 - 1930).

Quando, pois, por este tempo, a Comissão Canónica termina satisfatoriamente os seus trabalhos, tudo estava preparado para que, com toda a prudência humana e sobrenatural, o responsável único pelos acontecimentos, o Bispo Diocesano, pudesse dar o seu juízo definitivo. Conhececi a sentença solene com que o meu venerando Antecessor reconheceu a sobrenaturalidade dos factos passados na Cova da Iria. Ao pô-la agora, de novo, ante os vossos olhos, não o faço com o fim de a confirmar, pois não tem necessidade disso; faço-o para vos fazer compreender como a série de acontecimentos de toda a espécie que se verificaram desde o ano de 1930, o ano da aprovação: tantas graças e favores da Sé Apostólica, tantos documentos do mais alto Magistério da Igreja, a visita augusta do actual Sumo Pontífice, vêm confirmar, qual «*grande nuvem de testemunhas*», de que fala S. Paulo (Hebr. 12, 1), aquela sentença, tão sábiamente formulada, que diz assim:

«Tendo sido encarregado pela Santa Igreja do Bispado de Leiria e competindo-nos, como Bispo, reger os fiéis que nos foram confiados (Act. 20, 28) e seguindo o exemplo de venerandos Prelados em casos semelhantes, depois de termos estudado atentamente durante 10 anos os acontecimentos, vimos dar a nossa sentença declarando desde já que submetemos, humildemente à Santa Sé, o nosso juízo.

Em virtude das considerações expostas e outras que omitimos por brevidade, invocando humildemente o Divino Espírito Santo e confiados na protecção de Maria Santíssima, depois de ouvirmos os Revs. Consultores desta nossa Diocese:

Havemos por bem:

1.º — declarar como dignas de crédito as visões das crianças na Cova da Iria, freguesia de Fátima, desta Diocese, nos dias 13 de Maio a Outubro de 1917;

2.º — permitir oficialmente o culto de Nossa Senhora de Fátima». («*A Divina Providência*», ed. cit., pág. 8 e 15).



Quais foram as razões que moveram o Senhor D. José a dar a sua sentença definitiva?

Podemos resumir-las assim: em primeiro lugar, nada havia que pudesse explicar *naturalmente* o que tinha acontecido: nem o lugar pobre, agreste e sem atractivos; nem os videntes, simples, ignorantes e humildes crianças da Serra; nem o interesse do Clero que, pelo contrário, se lhe opôs. Havia, ao invés, razões positivas de que a acção *sobrenatural* de Deus estava ali presente, manifestando-se nas suas maravilhas: os fenómenos miraculosos que acompanharam e seguiram as aparições, testemunhados por tanta gente, sobretudo o fenómeno solar do dia 13 de Outubro; a ineficácia das perseguições que, humanamente falando, atiram para o olvido e para o fracasso outras instituições e acontecimentos que não têm o selo de Deus; a firmeza e constância heróica, naturalmente inexplicável, de três pobres crianças; os frutos de Deus que se recolhiam em graças de toda a ordem, corporal e espiritual, indubitavelmente averiguadas através de testemunhas dignas de fé.

Com esta verdadeira «Charta Magna», entrava Fátima nos acontecimentos mais grandiosos que nunca hajam contemplado os mais famosos Santuários Marianos.

Iniciam-se estes com a grande Peregrinação Nacional de 13 de Maio de 1931. Nela, com a assistência de todo o Episcopado Português, o Em.<sup>mo</sup> Cardeal Patriarca de Lisboa consagra a Nação Portuguesa ao Coração Imaculado de Maria, usando a bela fórmula conhecida:

«Senhora do Rosário, cujo Coração é a fiel imagem do Coração de Vosso Filho...

Senhora das Dores, cujo Coração foi traspassado por um gládio de dor...

Senhora do Carmo, cujo Coração maternal não esquece nenhum dos seus filhos...

Os Pastores escolhidos por Vosso Filho para guardarem e apascentarem em Seu nome as ovelhas que Ele adquiriu com o Seu Sangue, nesta Terra de Santa Maria, cujo nome se não pode pronunciar sem pronunciar o Vosso, vêm hoje solenemente consagrar-Vos, como os representantes unidos e oficiais dos Seus rebanhos, a Nação Portuguesa ao Vosso Coração Imaculado, num acto de filial vassalagem de fé, amor e confiança...» (*Voz da Fátima*, Ano IX, N.º 105 pág. 2).

Com esta consagração ao Coração Imaculado de Maria, Portugal preparava-se para ser, ante o mundo, o exemplo vivo de uma assistência divina, recebido por causa dessa mesma consagração, e porta-bandeira das graças de Nossa Senhora de Fátima.

Com efeito, bem depressa os acontecimentos mundiais vão exigir que a Mensagem de Fátima — até então providencialmente oculta — se vá pouco a pouco manifestando em toda a plenitude do seu conteúdo: a revolução espanhola de 1936; a ameaça de uma guerra de extermínio (anos de 1937, 1938); e, finalmente, a mesma guerra fatal (1 de Set. de 1939), levam o Senhor D. José à convicção de que chegara o momento de pôr a descoberto o tesouro escondido, como esperança única para um mundo em destruição. Começa, assim, por permitir a publicação da primeira memória de Lúcia, convenientemente ordenada por um dos mais profundos conhecedores dos acontecimentos de Fátima, Cón. Galamba de Oliveira. Nela descobria Fátima, não já novos factos exteriores, mas a sua mesma vida íntima: aquela espiritualidade de penitência e reparação que tinha consumido, em breve tempo, a vida da pequenina Jacinta. Como dizia o Senhor Cardeal Patriarca, «...foi uma nova revelação de Fátima... Este livro introduz-nos no coração de Fátima. Diz-nos mais sobre o espírito de Fátima, que tudo quanto anteriormente foi dito e escrito... E começa a esclarecer-se o mistério. Fátima fala já não só a Portugal, mas ao mundo todo. Cremos que as Aparições de Fátima abrem um período novo — o do Coração Imaculado de Maria.

O que se tem passado em Portugal proclama o Milagre. É o prenúncio do que o Imaculado Coração prepara para o mundo». (Prefácio da 3.ª ed. de «Jacinta»).

Finalmente, como remédio para a guerra que acabava de estalar violenta e atroz, o Senhor D. José, no dia 13 de Setembro, à homilia da Missa na Cova da Iria, faz a publicação oficial dos primeiros sábados do mês («Voz da Fátima», Out. de 1939).

O Senhor Cardeal Patriarca, nas palavras citadas, indicava Portugal como exemplo para o mundo inteiro. Efectivamente o ano de 1942 assinala outra data cimeira nos anais da história de Fátima. Muitas e relevantes circunstâncias concorriam, nesse ano, (como nota o Rev. Dr. Alonso — «Brotéria», vol. LXXXV, 1967, pág. 25 e 26), para que Fátima viesse a ser colocada, segundo os planos da Providência Divina, no candelabro da Igreja: o 25.º aniversário das Aparições, a providencial coincidência de datas da consagração episcopal do então Vigário de Cristo, Pio XII, e da 1.ª Aparição no dia 13 de Maio de 1917; e, emprestando ao conjunto um fundo escatológico, que punha em comção toda a Igreja, a guerra com o seu horrível cortejo de mortes, depredações, ruínas, deportações em massa, de fome e de misérias de toda a espécie. O mundo parecia ter perdido o sentido

de Deus e estava entregue à fúria dos sinistros cavaleiros do Apocalipse (Apoc. cap. 6).

É então, qual raio de esperança no meio da mais furiosa e desfeita tempestade a rasgar a noite densa, que se dão a conhecer publicamente, não sem receios e incertezas, as duas primeiras partes da Mensagem de Fátima: a *visão do Inferno*, como espantosa realidade, fruto desse mistério da impiedade (2 Thes. 2, 7) que convulsionava o mundo pecador; e o *Coração Imaculado de Maria*, como Arco-Íris de esperança salvadora.

Quando se comentaram estas duas partes da Mensagem de Fátima, acentuou-se, por vezes, em excesso e unilateralmente, os seus aspectos escatológicos impressionantes. E até, não raro, se fixaram, com demasiado poder imaginativo, em realidades históricas concretas, sempre transitórias. Mas esqueceu-se, por outra parte o seu significado interno e permanente que está na base de tudo. Pode, na realidade, ser fácil e excessivamente cómodo, carregar o acento sobre uma palavra, por exemplo, «Rússia», esquecendo demasiado tudo o mais. A Mensagem de Fátima como todas as mensagens que nos vêm do Alto não são fáceis chaves para forçar as portas do Céu. E as grandes promessas dos Primeiros Sábados não podem eximir da fuga do pecado nem da prática da penitência e mortificação cristã. O Senhor diz, com energia e clareza, que «o reino dos Céus sofre violência e que só os violentos o alcançam» (Mat. 11, 12). A Consagração do mundo e daquela nação, digna de particular interesse, ao Coração Imaculado de Maria não pode consistir na simples recitação de uma fórmula mágica. Tem de ser o fruto da conversão e mudança íntima do coração dos homens. E esta exigência necessariamente nos atinge a todos, no oriente como no ocidente. Fátima, torno a repetir o que já disse doutra vez, não nos foi dada pelo Céu como bandeira de facção política ou de partido, mas como lábaro santo, no qual escreveu a Mãe de Deus: «*In hoc signo vinces*» — com este sinal vencerás.

E assim, naquele inolvidável 31 de Outubro de 1942, ao encerrar do Vaticano o 25.º aniversário das Aparições de Fátima, clamava, cheio de angústia, o Servo de Deus, Pio XII, falando na nossa língua:

«A Vós, ao Vosso Coração Imaculado, Nós como Pai comum da grande família cristã, como Vigário d'Aquela a Quem foi dado todo o poder no Céu e na Terra (Mat. 28, 18),... — a Vós, ao Vosso Coração Imaculado, nesta hora trágica da história humana, confiamos, entregamos, consagramos não só a Santa Igreja, corpo místico do Vosso Jesus, que pena e sangra em tantas partes e por tantos modos atribulada, mas também todo o mundo...» (Cfr. «Lumen», 1942, pág. 669).

Passaram aquelas horas de dor tremenda. E em Fátima, ou em relação com a sua Mensagem, começaram as grandes jornadas de reconciliação, de agradecimento e de glória para a nossa grande Auxiliadora, a Virgem Maria, «vencedora de todas as grandes batalhas de Deus». Assim o movimento mundial em que paróquias, dioceses, nações sem número foram consagradas ao Coração Imaculado de Maria; a Santa Sé estende a toda a Igreja a festa e o ofício do mesmo Imaculado Coração (4 de Maio de 1944); celebrámos solenemente o centenário da Padroeira com a coroação da veneranda Imagem da Capelinha (13 de Maio de 1946); e começa aquela marcha gloriosa da Virgem Peregrina que havia de levar, durante largos anos, as graças de Fátima ao mundo inteiro. Que anos de entusiasmo santo em todo o mundo para com a Virgem Branca da Paz! Que fervor o de todas as camadas sociais do povo português! A nossa história não tinha conhecido momentos mais altos de tensão religiosa.

Tudo isso, no entanto, não foi simples fruto de fervor popular, sempre respeitável e digno de veneração. Era a própria Jerarquia da Igreja que favorecia e pastoralmente incitava esse entusiasmo, orientando-o para uma renovação da vida cristã. Não poucas vezes veio em pleno o Episcopado Português, à Cova da Iria, nos momentos mais solenes, secundando com a sua presença o fervor dos fiéis. Todos os Bispos Portugueses renovaram a consagração de suas Dioceses ao Coração Imaculado de Maria, fazendo-a muitas vezes preceder da peregrinação da Imagem de Fátima e isso constituía sempre extraordinária renovação espiritual das almas. O mesmo fizeram e realizam ainda outros muitos Bispos em todo o mundo, sempre com os mesmos frutos de conversão e santidade entre o povo cristão. À Cova da Iria vêm Bispos e Cardeais de todo o mundo pedir auxílio e protecção. E, da própria Cátedra de Pedro, nos chegam os testemunhos mais vivos de apoio, exortação e confirmação em favor do culto e veneração da querida Mãe de Fátima. Mas levar-nos-ia muito longe se quiséssemos só enumerar os documentos e testemunhos em que os últimos Papas, Cardeais e Bispos de toda a parte se dignaram directa ou indirectamente, recomendar o culto a Nossa Senhora de Fátima, confirmando, de modo singular, a autenticidade sobrenatural dos factos que lhe servem de base.

Houve, é certo um momento, bem o sabeis, em que o Senhor quis pôr à prova a nossa esperança, fazendo passar Portugal pela dura experiência de ameaças internas e de injustas agressões externas, que infelizmente persistem ainda. Houve igualmente um momento em que certas falsas apreensões, particularmente no exterior, em torno da não publicação da terceira parte do chamado «segredo», vieram lançar certas nuvens no terso horizonte de Fátima... Mas o que então aconteceu era inteiramente normal neste género de fenómenos caris-



máticos. Estes, como sabíamos e oportunamente advertiu o II Concílio do Vaticano, caem plenamente debaixo da jurisdição e vigilância da Jerarquia da Igreja. E se esta, guiada pela prudência sobrenatural, julgou que não era oportuna essa publicação, não nos compete a nós, seus filhos conscientemente submissos, senão aceitar essa decisão e viver o resto da Mensagem, já conhecida, com mais intensidade e fervor cristãos do que nunca.

Mas, torno a dizer, foram momentos passageiros de inquietação nesta larga e gloriosa história que temos vivido. Em troca e como recompensa, dois acontecimentos de singular relevo e de alcance único vieram finalmente encerrar os cinquenta anos das Aparições. Referimo-nos, bem o compreendeis, à relação estreita que tem Fátima com o maior acontecimento religioso do século — o II Concílio do Vaticano — e à visita ao Santuário de Fátima do mais alto e augusto Papa Peregrino — o Vigário de Cristo, o Papa Paulo VI. É necessário que nos detenhamos uns momentos em factos tão transcendentais.

Fátima e o Concílio Ecuménico!... Quem pudera imaginá-lo?!... Porque, realmente, o que já então corria com insistência e certa imprensa mundial repetia de bom grado, era que o Concílio, com suas directrizes renovadoras de carácter litúrgico e ecuménico, havia de fazer esquecer todos esses fenómenos carismáticos, «não-essenciais» à Igreja, absolutamente «marginais»...

E, no entanto, acontece exactamente o contrário: o II Concílio do Vaticano foi o primeiro Concílio Ecuménico que sublinhou o justo lugar do Carisma na Igreja. É elucidativo o texto fundamental que transcrevo para aqui:

«Estes Carismas, quer sejam os mais elevados, quer também os mais simples e comuns, devem ser recebidos com acção de graças e consolação, por serem muito acomodados e úteis às necessidades da Igreja. Mas os dons extraordinários não se devem pedir temerariamente, nem deles se devem esperar com presunção os frutos das obras apostólicas; e o juízo acerca da sua autenticidade e recto uso, pertence àqueles que presidem na Igreja e aos quais compete de modo especial não extinguir o Espírito mas julgar tudo e conservar o que é bom (Cfr. I Tess. 5, 12. 19-21)».

E na Constituição sobre a Sagrada Liturgia, depois de pôr em realce e no seu devido lugar, a piedade cristã fundada no culto público ou propriamente litúrgico, acrescenta:

«13. São muito de recomendar os actos de piedade do povo cristão, desde que estejam em conformidade com as leis da Igreja, e especialmente quando são aprovados pela Sé Apostólica».

E ainda no Capítulo VIII da já citada Constituição Dogmática sobre a Igreja, referindo-se à verdadeira piedade para com Nossa Senhora, diz-se:

«67. Muito de caso pensado ensina o sagrado Concílio esta doutrina católica, e ao mesmo tempo recomenda a todos os filhos da Igreja que fomentem generosamente o culto da Santíssima Virgem, sobretudo o culto litúrgico, que tenham em grande estima as práticas e exercícios de piedade para com Ela, aprovados no decorrer dos séculos pelo Magistério, e que mantenham fielmente tudo o que em tempos anteriores foi decretado acerca do culto das imagens de Cristo, Bem-aventurada Virgem e dos Santos».

Transcrevemos estes textos, caríssimos Diocesanos, para vir ao encontro dos que, com uma falsa e unilateral interpretação da equivocadamente chamada «linha conciliar», pretendem apoucar práticas religiosas e cristãs que, como o Rosário, Nossa Senhora veio precisamente recomendar em Fátima. A devoção e culto da Virgem de Fátima está perfeitamente enquadrada na verdadeira «linha conciliar»; e é precisamente seguindo o «espírito conciliar» que nos sentimos cada vez mais atraídos para esses actos de culto e essa devoção bendita.

Ora, é à luz destes documentos do II Concílio do Vaticano que deve ser compreendido, em todo o seu alcance e significado, o gesto do Soberano Pontífice ao referir-se publicamente, na presença da Igreja Hierárquica, oficialmente reunida na Aula Conciliar e em acto conciliar, à realidade de Fátima, anunciando, no encerramento da Terceira Sessão do Concílio, que ia mandar ao Santuário da Cova da Iria a Rosa de Ouro, e renovando, na mesma altura e em comunhão com todos os Bispos, a consagração do Mundo ao Coração Imaculado de Maria, a que antes se referira.

Registemos também aqui alguns dos principais textos, dada a sua importância para entender o verdadeiro espírito da devoção a Nossa Senhora de Fátima.

Como recordais, durante a III Sessão do Concílio, não faltou quem pusesse dificuldades à declaração do título: «MARIA, MÃE DA IGREJA». (Não nos referiríamos ao facto, se a Imprensa, nem sempre bem intencionada nalguns dos seus sectores, o não tivesse tornado público). O Papa, no pleno direito do seu Supremo Pontificado, mau grado tais dificuldades, proclamou solenemente esse título. (E seja dito de passagem que, apenas se ouviu tal proclamação, reboou

pela vasta Sala Conciliar impressionantíssima e uniforme salva de palmas, em geito de plena e grata aceitação). Depois, Paulo VI continuou:

«Enquanto elevamos a nossa alma numa ardente súplica à Bem-aventurada Virgem Maria a pedir-Lhe que se digne abençoar o Concílio Ecuménico e a Santa Igreja e apressar a hora desejada em que todos os discípulos de Cristo de novo se unam entre si, os nossos olhos voltam-se pra todo o orbe da Terra como a expandir-se imensamente, para o mundo de que este Concílio Ecuménico se tem ocupado com o maior desvelo e o mais amoroso cuidado e ao qual o nosso Predecessor o Papa Pio XII, de saudosa memória, não sem inspiração do alto, solenemente consagrou ao Coração Imaculado da Virgem Maria. Pareceu-nos razoável comemorar hoje de maneira singular tal acto santíssimo de religião».

Movido, pois, por este pensamento, determinámos enviar dentro em breve, por meio de uma missão especial, a Rosa de Ouro ao Santuário da Fátima, sùmamente querido não só dos filhos da nobre Nação Portuguesa — que sempre estimámos e hoje, mais do que nunca — mas conhecido também e venerado de todos os fiéis do mundo católico» (cfr. *A Rosa de Ouro*, J. Carreira, pág. 3).

E na Carta Apostólica, dirigida à humilde pessoa do vosso Bispo, no dia 28 de Março de 1965, para enviar a Rosa de Ouro, dizia:

«Do mesmo modo que o Nosso Predecessor, Pio XII, de recente memória, em horas de máxima angústia, consagrou o género humano ao Coração Imaculado da Santíssima Virgem, também Nós, considerando as gravíssimas necessidades que presentemente nos afligem, o confiamos aos cuidados da mesma Virgem Mãe. Portanto, no momento de executar o que havíamos anunciado na Sessão do mesmo Sinodo universal, confiamos em que Ela, que é Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo e «Mãe dos seus membros» (S. Aug., De Sancta Virg. 6, P. L. 40, 399), obtenha do seu Filho, para o Concílio Ecuménico e para toda a Igreja, nova e fecunda abundância de graças celestes, para que Ela realize eficazmente a unidade, conforto benignamente os oprimidos por calamidades e provações, leve os pecadores a uma vida melhor, conduza ao temor de Deus e à luz da verdadeira fé os militantes do ateísmo e da impiedade, e alcance para o mundo o ambicionado bem da paz. Queremos que esta dádiva singular, trabalhada em metal precioso, seja sinal perene de todos estes votos que encham a Nossa alma, e pretendemos com ela honrar este nobre templo de piedade mariana, mercedamente elevado por Pio XII ao título e dignidade de Basílica Menor». (A. A. S., Junho 1965, pág. 459).

Expressou Sua Santidade, de novo, os mesmos sentimentos, nesse dia 28 de Março, *Dominga Letare*, falando à selecta assembleia que assistia à solene cerimónia da bênção da Rosa de Ouro, na Capela Matilde dos Palácios Apostólicos; e, ao meio-dia, depois de recitar o «Angelus» com os numerosos peregrinos presentes na praça de São Pedro, dizia-lhes:

«Acabámos agora de benzer, em honra de Nossa Senhora, a Rosa de Ouro... Mandá-lo-emos ao Santuário de Fátima este precioso símbolo de devoção e podeis adivinhar quais sejam as Nossas intenções: a consagração do mundo a Maria, o Concílio e, ainda e especialmente, a paz.» («Osservatore Romano» 29-30 de Março de 1965).

Permito-me salientar que, nestes documentos, o Santo Padre pôe em relevo, ligando-os entre si, 4 pontos:

- a) Proclamação de Maria, Mãe da Igreja;
- b) Oferta da Rosa de Ouro ao Santuário de Fátima;
- c) Em memória da consagração do mundo ao Coração Imaculado de Maria, realizada por Pio XII e por Ele mesmo renovada;
- d) Para atrair graças sobre o Concílio e para a paz do mundo.

Não preciso, caríssimos Diocesanos, de chamar a vossa atenção para a estreitíssima relação que têm todos estes temas, ideias e factos com a Mensagem de Fátima. Nem, muito menos, advertir-vos da glória que daí resultou para o nosso querido Santuário e Diocese.

Mas o Senhor, que quer glorificar Sua Mãe Santíssima, reservava-nos outra surpresa maior: a visita memorável do Papa, em pessoa, já tão benemérito do Santuário de Fátima. Essa visita, meus caros Diocesanos, está tão presente, ficou gravada tão profundamente em nossos olhos e corações; deu origem a tantos e tão insígnis monumentos literários, artísticos e fotográficos, que não precisamos de descrevê-lo de novo.

Permito-me, contudo, que me detenha uns momentos para tentar colher e registar o seu profundo sentido e o seu indiscutível valor para o futuro do Santuário. Bastará, ainda desta vez, referir alguns dos textos essenciais.

No dia 15 de Abril de 1967, naquela formosíssima Carta com que Sua Santidade nomeava Seu legado a *latere* à abertura do Cinquentário, Sua Eminência o Cardeal D. José da Costa Nunes, dizia o Soberano Pontífice num dos passos mais significativos:

«A Igreja, com tão numerosas, árduas e difíceis empresas no meio das quais se encontra no tempo actual, se algum dia, antes, precisou



do auxílio d'Aquela que com o Seu pé virginal, sempre esmagou e esmagará a cabeça da serpente antiga, mais precisa hoje do auxílio da que é a fomentadora da paz, a intercessora da vitória certa e a obtentora do triunfo.

Todos, pois, em tão graves circunstâncias, amem e venerem o Coração Imaculado da Bem-aventurada Virgem, esforcem-se por apressar o Seu indubitável triunfo e, à imitação do Seu, procurem ter também um coração puro e firme, e, na posse dele, decidam-se a combater pela nobilíssima causa do Evangelho, a sacrificar-se, a servir, e, por isso, a consagrar-se a si mesmos a este serviço, que vale muito mais do que reinar... É nesta ordem de ideias que há-de falar aos que em Fátima se juntarem em honra e louvor da Bem-aventurada Virgem Maria, como mensageiro e intérprete dos votos que, com repetidas preces, fazemos subir até junto de Deus pedindo-Lhe que não fiquem frustradas a Nossa expectativa e esperança de bom êxito e que produzam os mais abundantes frutos para alegria e aumento da fé» (Cfr. *Fátima* 50 — N.º 1, pág. 5).

Na exortação apostólica «*Signum Magnum*» intencionalmente datada do próprio dia 13 de Maio, dirigida à Igreja Universal, por ocasião da sua peregrinação ao Santuário da Cova da Iria, terminava dizendo:

«E porque este ano se comemora o 25.º aniversário da solene consagração da Igreja a Maria, Mãe de Deus, e ao seu Coração Imaculado, feita pelo Nosso Predecessor de santa memória, Pio XII, em 31 de Outubro de 1942, por ocasião da Rádio-Mensagem à Nação Portuguesa — consagração que Nós mesmo renovámos em 21 de Novembro de 1964 — exortamos todos os filhos da Igreja a renovar pessoalmente a sua própria consagração ao Coração Imaculado da Mãe da Igreja e a viver este nobilíssimo acto de culto com uma vida cada vez mais conforme à Vontade Divina e em espírito de serviço filial e de devota imitação da sua celeste Rainha». (Cfr. *Lumen*, Junho de 1967, pág. 440 e 441).

Finalmente, na histórica homilia da Missa celebrada em Fátima, começava assim Sua Santidade:

«Tão grande é o Nosso desejo de honrar a Santíssima Virgem Maria, Mãe de Cristo e, por isso, Mãe de Deus e Mãe nossa, tão grande é a Nossa confiança na sua benevolência para com a Santa Igreja e para com a Nossa missão apostólica, tão grande é a Nossa necessidade da sua intercessão junto de Cristo, seu Divino Filho, que viemos, peregrino humilde e confiante, a este Santuário bendito, onde se celebra hoje o Cinquentenário das Aparições de Fátima e onde se comemora hoje o vigésimo quinto aniversário da consagração do Mundo ao Coração Imaculado de Maria». (Cfr. *Paulo VI em Fátima*, pág. 42).

Aqui temos, pois, o sentido da viagem do Papa a Fátima. Três motivos: a devoção mariana, a sua confiança na protecção da Virgem e a sua necessidade do auxílio da Mãe de Deus, na presente conjuntura do mundo. E duas intenções: comemorar o Cinquentenário das Aparições e celebrar o vigésimo quinto aniversário da consagração do Mundo ao Coração Imaculado de Maria.

Como vedes, caríssimos Diocesanos, diante das palavras do Papa, tanto nos documentos emanados por ocasião do envio da Rosa de Ouro, como da sua augusta peregrinação a Fátima, não é possível tergiversar: são motivos de índole puramente religiosa, que logo tomam cambiantes de fervorosa devoção mariana e apontam decididamente para um dos temas centrais, porventura o mais característico, da Mensagem da Virgem na Cova da Iria: a consagração ao Seu Coração Imaculado.

Além disso, é igualmente evidente o paralelismo entre as duas datas: a de 1942 e a de 1967. Na primeira, Pio XII exclama angustiadamente: «nesta hora trágica da história humana». Agora, Paulo VI repetia: «Queremos pedir a Maria uma Igreja viva, uma Igreja verdadeira, uma Igreja unida, uma Igreja santa». Como é verdade que os Sumos Pontífices vieram depositar ante a Virgem de Fátima, os seus mais graves anseios e preocupações! Como tudo isso está conforme com a Mensagem de paz que Maria trouxe ao mundo pecador que se acolhe ao Seu Coração de Mãe!

Seria, pois, de todo inútil fechar os olhos à evidência e querer descobrir «outros» motivos numa viagem que, como repetidamente afirmaram os órgãos competentes de informação vaticana, não podia ter senão um sentido religioso de veneração à Virgem, de súplica pela Igreja e pelo mundo, de comemoração da maior data vinculada à Mensagem de Fátima — o 25.º aniversário da consagração do mundo ao Coração Imaculado de Maria.

Aqui esteve, pois, o Papa, peregrino entre milhões de peregrinos e devotos. Vimo-l'O levantar suas mãos em súplica para a Imagem da Capelinha, como qualquer dos nossos devotos e humildes camponeses, como filho entre os filhos de Maria, bendita entre todas as mulheres. Ao vê-l'O, parecia-nos sentir a presença tangível da Virgem, que até parecia olhá-l'O comprazida, consolando o Seu humilde Servo, o «Servo dos servos de Deus». Vimo-l'O também conversar familiarmente e sem protocolos, à luz pública daquele maravilhoso dia, com a humilde e agraciada religiosa-Vidente. E tudo nos parecia tão natural e simples, como numa reunião de família em que só conta o amor.

E quando, ante a multidão ingente que literalmente enchia o imenso recinto, apareceram, lado a lado, as amáveis figuras do Padre Santo e da humilde religiosa, que fielmente transmitia a Mensagem da Virgem, tudo voltava a tomar aquele sentido confiado e seguro de uns tantos factos, sempre antigos e sempre novos, que refloresciam na mais pura realidade sentidamente vivida. Naquele momento, histórico e singelo, os cinquenta anos passados vinham a condensar-se numa impercível imagem maravilhosamente bela.

Era precisamente essa simplicidade das coisas grandes e extraordinárias o de que Deus Se servia para mostrar o Seu agrado em ver honrada Aquela singular criatura, escolhida desde toda a eternidade para ser Sua Mãe e Mãe nossa dulcíssima. Assim devia ser honrada Aquela a quem o Rei queria honrar (Est. 6, 9).

Que mais, caríssimos Diocesanos, podíamos desejar para uma comemoração digna do Cinquentenário do que esta visita do Papa, Vigário de Cristo na Terra? Constitua o facto um verdadeiro milagre, primeiro; do amor de Deus para com Sua Mãe; e, depois, dessa devoção acendrada a Maria de que nos deu o Padre Santo tão maravilhoso exemplo.

Podíamos, torno a perguntar, desejar mais, como confirmação segura de que Deus estava conosco na pessoa augusta do Seu Vigário na Terra?

Assim, de maneira extraordinária, digna e maravilhosa se enchia o ano cinquentenário das mais promissoras esperanças no que respeita ao culto e devoção a Nossa Senhora de Fátima.

## II — O ANO DA FÉ E A MENSAGEM DE FÁTIMA

Acabámos de percorrer, a passos largos, os principais acontecimentos que assinalaram, quais marcos militários, a rota gloriosa dos 50 anos de vida do nosso querido Santuário. Não o fizemos, caros Diocesanos, à maneira de caminheiros que, chegados ao alto do monte, param cansados a olhar para o caminho percorrido... Foram outras e bem positivas e ordenadas ao futuro as razões que me levaram a recordar a história que aí fica. É que a história é a mestra da vida. E quando essa história foi marcada pela passagem fulgurante de Deus torna-se sagrada, a infundir-nos respeito religioso e a obrigar-nos a mais atenta reflexão para colher dela as lições que porventura Deus nos queira ter dado.

Ao contemplar a história da salvação, descobrimos o caminho que na realidade o Senhor quis seguir para vir até nós. Fê-lo através da Encarnação no seio puríssimo de Nossa Senhora. Podia salvar-nos doultras muitas maneiras. Mas escolheu esta. É esta que devemos adorar e dela tirar todas as consequências.

Também o Senhor, na distribuição da graça escolheu muitos meios. Devemos aceitá-los todos.

Entre estes, não há dúvida que, no decorrer da história sagrada, marcou lugares aos quais liga a Sua graça. E um deles e bem insigne, pelo que podemos observar nestes 50 anos, é o Santuário da Cova da Iria. Dele podemos dizer o que disse Jacob ao acordar: «*Quão terrível é este lugar! Não há aqui outra coisa senão a Casa de Deus e a porta do Céu*» (Gen. 28, 17).

O temor sagrado manifestado por Jacob devemos nós alimentá-lo a respeito do «lugar sagrado» que o Senhor nos deu e confiou por Sua Mãe. Dele depende, na verdade, a glória de Deus, a veneração devida a Sua Mãe e, consequentemente, a salvação de almas sem número. Por isso, convencido das nossas grandes responsabilidades, como «dispensários da multiforme graça de Deus» (I Petr. 4, 10), vos estou a convidar a reflectir comigo sobre a maneira de guardar e defender o tesouro de fé e de graça que é o culto e veneração a Nossa Senhora de Fátima. Tudo o que neste sentido penso dizer-vos pode resumir-se nesta frase que vamos comentar juntamente:

«*Viver a Mensagem de Fátima, é uma das melhores maneiras de actualizar a fé nos nossos dias, segundo as exigências e os perigos assinalados pelo nosso Santíssimo Padre, o Papa Paulo VI, ao instituir o Ano da Fé.*»

Na sua Exortação Apostólica «*Petrum et Paulum*», de 22 de Fev. de 1967, instituiu Sua Santidade o Ano da Fé, para comemorar o XIX centenário do glorioso martírio dos Apóstolos S. Pedro e S. Paulo.

Vou recordar alguns dos ensinamentos pontifícios, antes de aplicá-los à vivência da Mensagem de Fátima.

Como celebrar, pergunta Sua Santidade, este Centenário?

«... pedimo-vos que a celebreis (a memória dos Santos Apóstolos) com uma autêntica e sincera profissão da mesma fé, tal como a Igreja por eles fundada e tornada ilustre, a recolheu zelosamente e a formulou com autoridade. Profissão de fé que queremos oferecer aos Santos Apóstolos, individual e colectiva, livre e consciente, interior e exterior, humilde e franca».

É esta «uma necessidade premente da hora actual», continua o Santo Padre. «Vós sabeis-lo... a evolução do mundo moderno, lançado em maravilhosas conquistas no domínio das realidades visíveis, orgulhoso da consciência que cada vez mais toma de si mesmo, é levado ao esquecimento e à negação de Deus...». E «onde falta Deus falta



também a razão suprema das coisas, a luz das certezas primeiras, o imperativo moral indiscutível, dos quais a ordem humana tem necessidades» (Cfr. *Ação Cat. Port.*, n.º 386, pág. 8).

Mas o Papa assinala ainda como estes desvios começaram também a ameaçar o próprio interior da Igreja, onde têm aparecido «...opiniões exegéticas e teológicas novas, muitas vezes tiradas de auidazes mas cegas filosofias profanas, pondo em dúvida ou deformando o sentido objectivo das verdades que a Igreja ensina em virtude da sua autoridade. Sob pretexto de adaptar o pensamento religioso à mentalidade moderna, prescinde-se da direcção do magistério eclesiástico, dá-se à especulação teológica uma orientação radicalmente historicista, chega-se a despojar o testemunho da Sagrada Escritura do seu carácter histórico e sagrado e tenta-se introduzir, no Povo de Deus, uma mentalidade que se diz «pós-conciliar...» (Ibidem).

O Sumo Pontífice nega aqui mesmo, como em tantos outros documentos e discursos que tem proferido, num ensinamento constante e riquíssimo, que possa ser verdadeira uma mentalidade que não guarda a coerência com a santa tradição da Igreja e opõe, com evidente absurdo, o II Concílio do Vaticano a toda a tradição católica. É precisamente para isto, para nos opormos a tais desastrosas tendências, que o Santo Padre instituiu o Ano da Fé.

Continuando e comentando um pouco o denso pensamento do Papa, quereria chamar a vossa atenção para o verdadeiro drama do mundo de hoje. O mundo dos nossos dias está a sofrer uma profunda crise de fé que afunda as suas raízes no mais íntimo do sobrenatural que ameaça destruir inteiramente. Hoje, a crise da fé alcança um grau mais intenso que nunca, porque se quer cortar com todas as amarras que a ligam com o «mais além», para se lançar ferro unicamente num puro e existencialista «mais aquém» das puras raízes vegetativas da terra. O que hoje perturba as consciências não é precisamente a pretendida possibilidade ecuménica de escolher entre este ou aquele credo religioso, esta ou aquela forma de religião conhecida. É a própria religião, na sua essência, o que hoje entrou em discussão. «É a própria atitude de crer que se tornou problema para muitos homens do nosso tempo», como tão sapientemente observam os nossos Bispos na Instrução Pastoral de 29 de Junho de 1967, início do Ano da Fé. Não se trata já de escolher possíveis caminhos que nos conduzam a Deus, Ser transcendente..., é a própria transcendência de Deus, que digo eu?, é a mesma existência de Deus que ousadamente se põe em dúvida. Não lemos num livro nefasto, divulgado por editorial portuguesa, que é preciso chegar a uma religião sem Deus?! Não se pretende substituir Deus por um vago amor universal dos homens que logo se concretiza num mal camuflado marxismo?! Hoje, em vez da fé religiosa em Deus verdadeiramente transcendente — e por isso mesmo capaz de preocupar-se com os homens —, quer ousadamente impôr-se a fé nos valores da terra. Nunca, como agora, aparecem tão tentadoras as palavras do grande blasfemo: «sede fiéis à terra», não a Deus!

Ora, para levar de vencida esta crise que atinge o fundamental, são úteis sem dúvida todos os ensaios, de tipo doutrinário e especulativo, que no campo católico se têm levado a cabo, nos últimos tempos; as investigações das realidades socio-religiosas, com balanços e inquéritos minuciosos no que respeita à crise nas camadas juvenis, e estatísticas feitas a rigor; os cursos de ateísmo para estudar as suas causas e remédios. Tudo isto constitui esforço válido e imprescindível. Ninguém se atrevera a pôr em dúvida que trabalhos destes se não levam a cabo sem um espírito sincero de contemplar a dura realidade que nos ameaça e de dar-lhe remédio.

Mas devemos convir em que o verdadeiro e salutar remédio para estes males, não pode estar só nisso. A crise da fé, como as crises orgânicas e sociais de qualquer tipo, não aparecem na fria região das ideias abstractas ou das combinações de pura lógica. E o seu remédio não pode estar somente em opor-lhes o que alguns optimistas chamam, com um filósofo muito conhecido, *ideias claras*. A crise de fé que muitos sofrem, no nosso tempo, pertence às regiões vitais e profundas, as mais profundas do homem cristão; e entra no mais recôndito da pessoa humana, da pessoa enquanto tal, isto é, enquanto aberta à recepção de uma transcendência de que vitalmente precisa.

Um belo dia, uns bons pais de família, perguntam-se maravilhados como foi possível que um de seus filhos, talvez a começar um curso universitário, deixasse por completo os seus deveres religiosos e descubrem, com espanto, que seu filho «não crê» em nada!... Que sucedera? Ninguém pense que a crise da fé aparece só e habitualmente como num processo normal de busca da verdade e que, por isso, se manifesta na idade adulta universitária. Foi na realidade todo um processo de educação vital cristã que se foi minando pouco a pouco. Ao princípio, não se lhe deu importância e isto fazem infelizmente muitas famílias cristãs: o menino foi perdendo o sentido da fé, através dos exemplos dos pais, que a não vivem, imersos na busca excessiva e a todo o custo dos bens da terra e de mil e uma preocupações, tantas vezes fúteis, que lhes absorvem a vida por completo; foi-o perdendo na absoluta liberdade de assistência a espectáculos sem prévio exame e, pior ainda, com a aprovação tácita dos pais ingénuos; foi-o perdendo na falta progressiva da recepção dos meios de fortalecimento e preservação que são os Sacramentos da Igreja. E chega um dia-em que,

como justificação «racional» de uma forma de vida, sem vitalidade cristã, o jovem se declara «ateu»!... Não houve ali uma opção «intelectual»; houve, sim, sem dúvida, um processo de desvinculação vital das realidades superiores, as quais um dia se declaram desnecessárias para uma vida simplesmente terrena.

O Apóstolo dizia: «o meu justo viverá da fé» (Hebr. 10, 38). Hoje — e hoje, só? — a crise da fé não pode ser superada sem tornar a viver-se a fé em todas as suas dimensões humano-cristãs, desde o lar à Universidade, ao trabalho na oficina, na cátedra, na imprensa, na política verdadeiramente cristã, no campo, em todos os meios. Há que vivê-la num processo contínuo que nasce com o santo Baptismo e vai continuando pela vida inteira.

É nesta altura que quisera, caríssimos Diocesanos, fazer-vos advertir, na benéfica influência da Mensagem de Fátima, como meio vital e simples de viver a fé.

Bem sabeis — e tem-vos sido dito vezes sem número — que a nossa fé está fundada, como diz S. Paulo, no fundamento dos Apóstolos e dos Profetas (Ef. 2, 20), quer dizer, na revelação pública, contida na Tradição da Igreja e nos Livros inspirados que constituem a Sagrada Escritura. Mas é pena que, ao fazer-se esta fundamental e verdadeira afirmação, se tenha, tantas vezes, em vista diminuir e até, menosprezar esses outros auxílios extraordinários que Deus concede à Igreja, umas vezes para a despertar de uma fé, talvez adormecida, e, outras, para a robustecer numa fé periclitante.

Na verdade, as chamadas revelações «privadas», quando autênticas e destinadas, de si, para o bem comum, não se dão nem «fora da Igreja e do seu Magistério» nem num âmbito completamente distinto da revelação pública. Advertiu-o claramente o II Concílio do Vaticano, ao falar dos carismas da Igreja, no texto atrás citado. As revelações privadas só se dizem tais em contraposição àquela revelação pública e oficial que contém o depósito inviolável da nossa fé, entregue ao Magistério autêntico da Igreja, não como «uma invenção filosófica para ser aperfeiçoado pelo humano engenho, mas como um depósito divino entregue à Esposa de Cristo, para ser guardado fielmente e infalivelmente ser declarado». (DS. 3020); e não «privadas» no sentido de que se não dirijam, não poucas vezes, à inteira Comunidade Cristã, como acontece muito especialmente no caso de Fátima.

Estas revelações desempenham muitas e salutaras funções na Igreja, tanto no campo da doutrina como no da moral e da ascética. Assim o expuseram bem claramente algumas das notáveis comunicações lidas no último Congresso Internacional Mariano de Fátima. No campo da doutrina, como disse e todos o sabem, nada podem objectivamente acrescentar ao depósito da revelação pública. Podem, no entanto, entrar neste mesmo campo e de facto assim tem acontecido, como factor importante da legítima evolução do dogma católico, servindo de catalisadores de correntes teológicas que, finalmente, chegaram a explicitar certas verdades contidas só implicitamente nesse depósito revelado. Para o dizer em linguagem teológica conhecida: se nada acrescentam ao conteúdo «objectivo» do depósito da fé, são, ao menos, factores relevantes de compreensão «subjectiva» do mesmo.

Mas os Teólogos insistem sobretudo na sua grande contribuição na ordem moral — o que particularmente importa ao fim pastoral desta exortação. Têm sido elas, com efeito, não raras vezes, as que têm chamado com veemência impressionante à reforma da vida, à penitência do coração. Têm-nos mostrado Deus irritado por nossos crimes e pecados, prestes ao castigo tremendo, se a emenda não aparece. Seria simplesmente ingénuo pensar que, em certas épocas de laxismo moral e entenebrecimento doutrinário da fé, bastam as comuns exortações dos Pastores para sacudir a modorra do povo cristão adormecido. É necessário que venha o Espírito de Deus, como um furacão, e faça surgir novos profetas que gritem como os Anjos do Apocalipse que «já não há mais tempo de espera» (Apoc. 10, 6); ou como Jonas: «mais quarenta dias e Ninive será arrasada» (Jon. 3, 4). Só então o povo acorda e faz penitência em cinza e cilício... (Jon. 3, 6).

É este espírito «profético» que assiste a Igreja de Deus em certos momentos da história, até para cumprimento daquilo de S. Pedro: «...mas isto é o que está anunciado pelo profeta Joel: Nos últimos dias, di-lo Deus, derramarei o Meu Espírito sobre toda a criatura: não-de profetizar os vossos filhos e as vossas filhas; os vossos jovens terão visões, e os vossos anciãos terão sonhos». (Act. 2, 16-17).

Cristo está realmente presente na Sua Igreja, de modo ordinário, na Jerarquia para assisti-la e defendê-la; e, ainda, nos meios Sacramentais para a alimentar com a Sua graça. Mas está também presente, em certos casos extraordinários, com especiais dons de iluminação e fortaleza, para superar momentos e circunstâncias difíceis, nas várias épocas. É o que acontece com esses fenómenos misteriosos que chamamos revelações e aparições.

Pois bem, caríssimos Diocesanos, Fátima manifestou-se, em nossos dias, como um carisma extraordinário concedido à Igreja, verdadeiro dom do Espírito Consolador, nos tempos difíceis que a mesma atravessa. A sua Mensagem encerra um conteúdo doutrinário tão vasto que pode afoitamente dizer-se que lhe não escapa nenhum dos temas fundamentais da fé cristã. Já vo-lo lembrei no início deste ano cinquentário, mas, porque o assunto é realmente importante permiti que vo-lo recorde, de novo, em breve síntese: Deus Criador e Providente



que se ocupa, até nas coisas mais pequeninas, das suas criaturas; estas, que na mais alta jerarquia, os Anjos, se põem ao serviço do homem; a natureza inteira que se manifesta como obra de Deus em sinais portentosos para mostrar a Providência e Omnipotência Divinas; o pecado que destrói a ordem do ser criado e descobre toda a sua gravidade no poder do Maligno e a sua última consequência — o Inferno; a redenção de Cristo através do perdão e penitência; a nossa solidariedade no Corpo Místico de Cristo, na reparação dos Sagrados Corações de Jesus e de Maria; a vida Sacramental, particularmente no seu centro — a Eucaristia; a devoção filial ao Papa e à Igreja; a vida da graça, no que tem de mais íntimo e profundo, enquanto habitação de Deus, da Santíssima Trindade, na alma do justo; o desenvolvimento dessa vida pelas virtudes cristãs fundamentais, da fé, esperança, caridade — nas admiráveis orações do Anjo; pelas virtudes morais da oração, da penitência, da esmola; a vida de piedade, alimentada com as sólidas devoções tradicionais, tão queridas da Igreja, — o terço do Rosário, devoção de Nossa Senhora das Dores, do Carmo, da Sagrada Família, do Coração Imaculado de Maria, com as práticas fundamentais da reparação e da consagração...; e até essa visão escatológica do futuro com que Fátima encara a Igreja numa das suas dimensões essenciais e, ao mesmo tempo, a enquadrar na marcha histórica deste mundo... Podia, por ventura, exigir-se mais de Fátima?

E, no entanto, nada disto se propõe nessa Mensagem como coisa «nova». Tudo ali é apresentado com a simplicidade duma lição de catecismo que a melhor das catequistas — Maria Santíssima — dá aos Pastorinhos, seus escolhidos.

Apesar deste riquíssimo conteúdo doutrinal, não é precisamente aqui que devemos descobrir as mais importantes manifestações do Carisma de Fátima; mas sim na sua forte «chamada de espírito profético» à reforma de vida, ao cumprimento dos deveres de estado, a uma vida cristã interna de fé, vivida em toda a sua profundidade.

Ressalta, portanto, a relação íntima que tem a Mensagem de Fátima com o Ano da Fé; e como, nessa relação mútua vital, se deve centrar a visão do futuro, após o glorioso cinquentenário que vamos encerrar.

A crise de fé, em que hoje se debate o mundo com fortes repercussões no interior da própria Igreja, deve ser superada, dizia, não a partir das alturas etéreas e frias dum simples dogmatismo subtil, mas principalmente nas planícies concretas dos féis cristãos continuamente alimentados com a vida sacramental e no contacto permanente das realidades do sobrenatural, vividas com seriedade. A gente moça que começa a claudicar na fé, não há simplesmente que pôr-lhe nas mãos um seguro manual de apologetica, melhor, de doutrina sólida: há que dizer-lhe francamente a palavra de Pascal: «Começa por tomar água benta»...

Em certo escrito que se difundiu nalguns meios, com a louvável intenção, sem dúvida, de os preparar para viver o Cinquentenário de Fátima, propunham-se alguns meios daquele tipo menos realista, a que me referi, e ao mesmo tempo — o que é bem pior — se apoucavam ou parece se apoucavam, outros meios que tradicionalmente nos têm sido apresentados como vitais e concretos pois que é sempre e sobretudo neles que se bebe a fé, como em fonte cristalina e pura.

Não!, meus caros Diocesanos, não se pode opor revelação «pública» a esta «revelação» que Deus tão benignamente nos deu em Fátima, pois esta não tem outro sentido que estar ao serviço daquela. Não se pode exaltar a piedade litúrgica, vivamente recomendada pelo Concílio, para se depreciar as práticas cristãs tradicionais que o mesmo Concílio não menos calorosamente inculca ao Povo de Deus.

Não se pode encarecer a «Palavra de Deus», numa forma em que veladamente aparece em oposição a qualquer outra humilde mas eficaz, palavra de Deus, que Ele quis dizer-nos em Fátima. Esta humilde «palavra», torno a dizê-lo, não é mais que um eco fidelíssimo da primeira.

Não se pode «românticamente» proclamar os que se pretende serem valores «essenciais», para se lançarem no olvido os que, injusta e depreciativamente, se apelidam de «marginais». São estes precisamente os que, de um modo realista, podem conservar as «essências» cristãs que hoje, se diria, se estão a refugiar, como em novas catacumbas, nos corações do povo humilde. São esses valores «marginais» o vaso precioso e oliente em que o aroma cristão se conserva íntegro; enquanto tantas dessas supostas «essências» se estão a volatilizar em certas — não todas — paraliturgias «metafísicas» incompreensíveis para o povo cristão.

Hoje, em que tanto se clama pelo «essencial», está-se a cair facilmente, aqui e acolá, no pecado de angelismo, porque se está a perder o próprio sentido da Encarnação. Pratica-se, por vezes, uma religião desencarnada, sem imagens, sem ornatos, sem preces populares, sem procissões, sem revelações privadas...

É talvez por isso que Fátima tem sido e continua a ser alvo de tantos ataques. Não é em vão que ela se oferece ao mundo naturalista e a alguns católicos «naturalizantes», que sofrem a crise de religião, como uma fé «encarnada» numa Mensagem escandalosamente viva, que guarda as mais puras e autênticas manifestações da tradição católica, na maneira de viver a piedade mariana do nosso povo cristão. Por isso mereceu ser chamada pelo Papa «Mensagem evangélica de penitência e oração». A força e eficácia da Mensagem de Fátima encontra-se,

torno a dizê-lo, não tanto no seu riquíssimo conteúdo doutrinal, quanto no modo autenticamente cristão como promove uma vida de fé, profunda e concretamente fundada na tradição católica.

Quando Fátima nos convida a peregrinar, põe-nos em marcha no espírito de «peregrinos da fé» que caminham até à Cidade Santa, Jerusalém. Deseja que a nossa peregrinação se faça em jornadas sucessivas, olhos fixos e ansiosamente postos no Monte Santo que ao longe se divisa, entremeando a marcha com a oração e o canto gradual, cantando os formosos Salmos graduais dos peregrinos de Israel quando subiam à Cidade Santa:

*Eu me alegrei, porque me disseram: Irems à Casa do Senhor  
Já os nossos pés param às tuas portas,  
Ó Jerusalém.  
Jerusalém que está edificada como uma cidade,  
Toda em si compacta.  
Lá sobem as tribos, as tribos do Senhor, segundo a Lei de Israel,  
Para louvar o nome do Senhor.  
Lá se estabeleceram os tribunais da justiça,  
Os Tribunais da Casa de David.  
Pedi (a Deus) graças de paz para Jerusalém,  
Aqueles que te amam (ó Cidade Santa) vivam em segurança!  
Reine a paz dentro dos teus muros,  
Segurança nos teus palácios!  
Por causa dos meus irmãos e dos meus companheiros, direi:  
Haja paz em ti!  
Por amor da Casa do Senhor, nosso Deus,  
Pedirei todo o bem para ti.*

(Salmo 121 — Bíblia Sagrada, Edições Paulinas)

Pois vamos, e chegados à esplanada, contemplemos a Cruz Alta: ela nos adverte, como a Moisés se fez um dia (Ex. Cap. 3), que nos «descalçemos», pois a terra que pisamos é santa. Entremos «descalços», isto é, despojados do nosso orgulho, em espírito de penitência; rezemos o Terço, façamos a nossa procissão de velas, símbolo eloquente, na sua luz de fogo, do resplendor da fé que queremos conservar iluminada, e... veremos a glória do Senhor, a glória da Senhora, reverberando na chama que nunca se extingue...

Fátima é hoje — não julgo exagerar — uma das formas mais perfeitas de viver a fé cristã, como meio de levar de vencida a grave crise de fé, segundo o espírito e intenção que teve Paulo VI ao estabelecer o Ano da Fé.

### III — ACÇÃO DE GRAÇAS

Chegado a este ponto da exortação pastoral que vos estou a dirigir — e pesa-me de ter sido tão longo, mas não era fácil ser mais breve — quereria o coração derramar-se finalmente numa interminável acção de graças. «Que darei eu em retribuição ao Senhor, por todos os benefícios que me tem feito?... Cumprirei os meus votos ao Senhor, diante de todo o Seu povo, nos átrios da Casa do Senhor, no meio de ti, ó Jerusalém». (Salmo 115, 3, 9, 10 — ibidem).

Porque as graças de Deus que nos foram dadas por intercessão da Senhora de Fátima sobre esta pequena Diocese, sobre a nossa Pátria e sobre o mundo inteiro, são tantas e tamanhas que se podem assemelhar ao rio caudaloso que alegra a Cidade de Deus. Dos nossos corações agradecidos brota, por isso, jubilo «Magnificat» que queremos cantar em união com a «bendita entre todas as mulheres»:

«Porque me fez grandes coisas o Omnipotente e cujo nome é Santo». (Lu. 1, 49).

Primeiro ao Pai Celestial, de quem procede toda a dádiva boa e todo o dom perfeito (Jac. 1, 17). A Ele nos dirigimos, pelo Filho no Espírito Santo, repetindo as palavras do próprio Cristo: «Eu Te bendigo, ó Pai, Senhor do Céu e da Terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e prudentes e as revelaste aos pequeninos». (Mat. 11, 25). E aquelas outras de S. Paulo: «Bendito seja o Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, que, lá dos Céus, nos encheu com toda a espécie de bênçãos espirituais em Cristo» (Ef. 1, 3).

Prostrado, depois, ante o humilde altar da Capelinha da Cova da Iria, em cuja rudeza e humildade, providencialmente conservada através de tantas vicissitudes, se sente a misteriosa e perene presença da Mãe de Deus, ouso dirigir-Lhe, em vosso nome também, esta humilde súplica:

Virgem de Fátima, Mãe de Deus, Mãe da Igreja e Mãe nossa, Mãe de todos os filhos de Eva!

Eu Vos saúdo, com religioso respeito, ó cheia de graça, bendita entre todas as mulheres!

Vós sois a Rosa das rosas da nossa Terra; a Flor das flores dos nossos jardins e vales serranos!

Ao abrir um dia a corola mística do Vosso materno Coração, ao sol brilhante e azul diáfano da Cova da Iria, derramastes sobre a nossa



Diocese, sobre Portugal, sobre toda a Igreja, os aromas virginais de Vossas graças e dons.

Graças, mil graças, Senhora e Rainha, pelo insigne favor da Vossa amorosa presença entre nós.

Vivemos, debaixo da Vossa protecção doce e materna estes cinquenta anos que vão passados.

Pedimo-Vos perdão de nossas infidelidades e queremos cumprir particularmente a Vossa última recomendação, síntese de toda a Vossa Mensagem: «*Não ofendam mais a Deus que já está muito ofendido!*»

Mãe, de Coração Doloroso e Imaculado, fidelíssimo em guardar as palavras do Vosso Filho Divino, alcançai-nos a fidelidade e constância na guarda dos Mandamentos de Deus e da Igreja e dos deveres do nosso estado; a segurança dum fé robusta e intrepida; a união fraterna verdadeira e sincera, na caridade de Cristo, com todos os homens, nossos irmãos; e que a penosa e obscura transparência da fé, com que agora Vos prestamos preito de veneração, se converta um dia, como firmemente esperamos, na gloriosa aparição do Vosso rosto formosíssimo, iluminado pela Luz eterna e beatificante da glória do Pai, Filho e do Espírito Santo. Amen!

Mas o meu agradecimento, pelos benefícios destes gloriosos cinquenta anos, dirige-se também a todos aqueles que, na terra, contribuíram para dar glória e esplendor ao culto e veneração da Virgem Senhora de Fátima.

Em primeiro lugar, aos Romanos Pontífices, os quais, logo que foram assumidos ao Supremo Pontificado, olharam com benevolência e agrado, dispensando-lhe a graça da sua protecção, para o nosso querido Santuário; fomentaram o seu culto, enriqueceram-no com favores e graças particulares; recomendaram-no em documentos preciosos do seu supremo Magistério e levaram até a sua graciosa bondade a visitá-lo pessoalmente, fazendo dele Cátedra de ensino para o mundo inteiro. Nenhum dos últimos Vigários de Cristo pode ser esquecido, desde Bento XV, instrumento augusto da Providência Divina na restauração da Diocese de Nossa Senhora, até Paulo VI, gloriosamente reinante, passando por Pio XI e pelos Servos de Deus, Pio XII e João XXIII. Todos merecem a nossa profunda e sincera gratidão.

Vêm depois os Eminentíssimos Cardeais, egrégios Príncipes da Igreja e Núncios Apostólicos de Sua Santidade. Com suas visitas, ora de caracter privado ora investidos em altíssimas missões, deram clara prova de particular amor e devoção para com o nosso Santuário. As suas memórias guardam-se com respeito nos nossos arquivos. Nem é possível enumerá-los todos.

Mas seria injusto não fazer aqui especialíssima e particular menção do Eminentíssimo Cardeal Patriarca de Lisboa, Senhor Dom Manuel Gonçalves Cerejeira. Sua Eminência resume magnificamente na sua pessoa veneranda todas as gestas gloriosas do Santuário de Fátima. Na história de Fátima, como na história religiosa, mais larga, de Portugal, na maior parte destes cinquenta anos, que vão decorridos, Sua Eminência figurará sempre como a alma impulsora de todas as iniciativas como o motor dinâmico de todas as empresas de fé e de zelo; como o orientador iluminado e seguro de todas as energias de uma Nação católica que voltou renovada às glórias antigas.

Fátima e o seu Santuário, têm recebido do grande Príncipe da Igreja, em Portugal, as provas mais claras e manifestas de uma dedicação impar. Desde que sucedeu ao Eminentíssimo Cardeal Mendes Bello, debaixo de cujo regime se inicia o processo das Aparições, Sua Eminência começou a contemplar Fátima como uma fonte de graças para todo o País e para a Igreja. Favoreceu-a sempre com a protecção mais decidida, com a sua constante e sacrificada assistência em todos os momentos cruciais da sua história, com a sua palavra sempre luminosa. Os seus discursos, radiomensagens, homilias, alocações e outros documentos pastorais, formam um conjunto de documentos sobre Fátima de alto valor doutrinal e pastoral para penetrar profundamente no espírito da Mensagem e vivê-lo. Em momento oportuno, não poderão deixar de ser recolhidos em volume para exemplo e proveito das gerações futuras.

Devo agora uma palavra de sentido agradecimento a todo o Episcopado Católico pelo favor e carinho que tem consagrado à realidade de Fátima. As suas devotíssimas visitas pessoais, os documentos pastorais que tem publicado, particularmente neste ano cinquentário; as peregrinações diocesanas que tem promovido, as inúmeras Missões Marianas com a Virgem Peregrina de Fátima; erecção de altares, igrejas e até catedrais e um sem número de paróquias dedicadas a Nossa Senhora de Fátima; o fervor e entusiasmo com que recebeu e fomentou, por toda a parte, essa prodigiosa peregrinação da Virgem de Fátima através do mundo até às mais longínquas paragens, acontecimento extraordinário que mereceu ao Vigário de Cristo as mais singulares referências — são outros tantos testemunhos eloquentes da dedicação do Episcopado Católico para com o Santuário e Sua Mensagem.

Não é possível referir tudo e todos. Mas a vasta documentação arquivada leva facilmente a esta convicção: aqueles que do Espírito Santo constituíu para apascentar a Igreja de Deus (Act. 20, 28) têm dado testemunho solene, repetido e impressionante pelo número, qualidade e universalidade, de que Fátima e a sua Mensagem pertence realmente à Igreja, entra na sua história como um património verdadeiramente eclesial.

Não me é possível, digo, fazer menção de todos os Bispos beneméritos do Santuário.

Mas, como não mencionar particularmente o Venerando Episcopado Português, que tem acompanhado Fátima em todas as horas e desde o primeiro instante a aceitou como fazendo parte do património comum da nossa religiosidade? Como não lembrar aqueles que nas horas difíceis lhe emprestaram generosos o apoio seguro da sua autoridade e presença? O Arcebispo de Milene, D. João Evangelista de Lima Vidal, depois Bispo de Vila Real e Aveiro; o Arcebispo Primás de Braga, D. Manuel Vieira de Matos (Agosto de 1926); o de Évora, D. Manuel Mendes da Conceição Santos (Abril de 1927) e o seu imediato sucessor, D. Manuel Trindade Salgueiro, que durante tantos anos ilustrou a «Voz da Fátima» com a sua bem aparada pena; o Bispo de Portalegre, D. Domingos Maria Frutuoso, dos primeiros a alinhar por Fátima; o saudoso Bispo de Beja, D. José do Patrocínio Dias, que não sabia apartar-se de Fátima... para só falar de alguns, entre os primeiros, que já partiram a receber o prémio de suas virtudes.

Mas, naturalmente, a nossa recordação profundamente comovida e especialíssima vai para o que há-de ser sempre, por autonomasia, o «Bispo de Nossa Senhora», o «Bispo de Fátima», Senhor Dom José Alves Correia da Silva. A sua actuação por Fátima é tão sobejamente conhecida que não tenho necessidade de descrevê-la. Desde que, em 1920, tomou posse da Diocese, até à sua santa morte, em 4 de Dezembro de 1957, a sua primeira e constante preocupação pastoral foi a guarda e aumento do culto a Nossa Senhora de Fátima. E tudo quanto ainda hoje existe no Santuário, a Sua Excelência Reverendíssima se deve. Espero que em breve possa ser feita, como acto de inteira justiça, a sua biografia que, ao mesmo tempo que realce as suas virtudes humanas e sacerdotais, nos faça passar diante do grandioso filme da sua actuação em favor de Fátima.

Fátima teve ainda outros grandes promotores que não podemos esquecer nesta hora de festas jubileares. Os colaboradores da primeira hora: o insigne Cónego Dr. Manuel Nunes Formigão, a quem, de início, quase tudo se deve e que durante a sua longa vida não cessou de trabalhar por Fátima com a palavra, com a pena, com a acção; o venerando Prior do Olival e Vigário da Vara de Ourém, P.<sup>o</sup> Faustino José Jacinto Ferreira; o Vigário de Torres Novas, P.<sup>o</sup> António de Oliveira; o Prior de Santa Catarina da Serra, P.<sup>o</sup> Joaquim Ferreira Gonçalves das Neves; e, ocupando lugar de relevo, o Pároco de Fátima, ao tempo das Aparições, P.<sup>o</sup> Manuel Marques Ferreira, cuja prudente actuação nas difíceis circunstâncias em que a Providência o colocou, passará à história.

Vêm depois os colaboradores que podemos chamar da segunda hora, mas não menos beneméritos: os Reitores e Capelães do Santuário e todos os servidores de Nossa Senhora, que os têm secundado, Religiosos e leigos; os grandes escritores de Fátima, nacionais e estrangeiros, o já lembrado e insubstituível seu primeiro historiador, Dr. Formigão, o P.<sup>o</sup> Luís Gonzaga da Fonseca, o Dr. Luís Fischer, Antero de Figueiredo, Cónego Barthas, Cónego José Galamba de Oliveira, P.<sup>o</sup> De Marchi, e tantos outros escritores dos nossos dias que continuam e melhoram a obra daqueles. Entre os actuais, não posso deixar de me referir, com profunda gratidão, ao Rev.<sup>mo</sup> Dr. Joaquim Maria Alonso, C. M. F., Professor Ordinário de Introdução à Sagrada Teologia e de Mariologia, do Instituto Universitário Claretiano de Roma, da benemérita Congregação dos Missionários Filhos do Coração Imaculado de Maria, e crítico histórico de renome, que há dois anos está a trabalhar na história crítica de Fátima, cuja obra, praticamente concluída, sairá, em português e espanhol e outras línguas, em 5 volumes, logo que as circunstâncias o permitam.

Quero igualmente recordar aquele grupo de leigos que, na hora amarga da perseguição a Fátima, opuseram a sua fé robusta, a sua actuação decidida e, tantas vezes até, a sua bolsa generosa para o desenvolvimento do culto e do Santuário: o Sr. José Alves, Gilberto Fernandes, o Dr. Carlos de Azevedo Mendes, de fé inalterável, o sempre fiel e sacrificado Dr. Eurico Lisboa, o diligente e pródigo Barão de Alvaizere, o incansável Dr. José Maria Pereira Gens que, felizmente ainda entre nós, celebra também este ano o seu quinquagésimo ano de presença e serviço, sem quebra, junto de Nossa Senhora de Fátima e dos «seus doentes»... Toda essa pleiade de Servitas — homens, senhoras, médicos e sacerdotes — cujo lema, «servir», os enobrece e torna queridos de todos os peregrinos da Cova da Iria.

E... não terminaria nunca! Mas não poderia deixar de dizer uma palavra de inteira justiça e sentida gratidão para com as Ex.<sup>mas</sup> Autoridades, desde as mais altas, ao nível nacional — Venerando Chefe de Estado, cuja presença assídua nos momentos mais solenes, para todos é de edificação, incitamento e exemplo sem par; altos membros do Governo, tendo à frente o Senhor Presidente do Conselho, particularmente os Ministros da Presidência, da Justiça, dos Estrangeiros, das Obras Públicas, do Interior, das Comunicações, do Exército, da Saúde e Assistência, Secretário da Aeronáutica, com todas as corporações, entidades e serviços dos mesmos dependentes — até às de nível distrital, concelhias e locais, todas têm dado, nas diferentes épocas e circunstâncias, particularmente neste ano cinquentário, uma ajuda desinteressada e muitas vezes decisiva para o bom êxito das comemorações e celebrações de maior relevo.

Nem poderia deixar no olvido os meios de comunicação social, públicos ou privados, — Imprensa, Rádio e Televisão — todos bene-



méritos do Santuário e imprescindíveis pregoeiros da sua celeste mensagem.

O meu agradecimento volta-se agora, e finalmente, para as multidões, milhões e milhões de fiéis que, em vagas sempre crescentes, têm vindo à terra sagrada da Cova da Iria: multidões portuguesas, exemplo vivo da fé tradicional do nosso povo, renovado pelo «Milagre de Fátima»; multidões de peregrinos estrangeiros, de perto e de longe, de aquém e além oceano, de remotas ilhas, dos mais afastados continentes... Contemplando-os com recordação comovida, fica-se com a impressão da Igreja Peregrina, sempre em marcha até à Jerusalém Celeste. Não é esse, de resto, o sentido último de toda a peregrinação? Fátima, nestes 50 anos, tornou-se o símbolo da Jerusalém do Céu, que é a nossa Mãe (Gal. 4, 26); para ali têm dirigido o seu olhar todos os povos e nações em busca da última esperança. E assim é, na verdade: ali, no alto da Serra de Aire, levanta-se airosa a torre do Santuário, dizendo ao mundo e à Igreja que naquele lugar, um dia, apareceu a Mãe solícita que não pode esquecer os seus filhos neste vale de lágrimas; que ali se encontra Ela, a Mãe do Amor Formoso, com um Coração anelante e sempre em busca do melhor bem dos seus filhos. Que nunca ninguém a Ela recorreu e ficou confundido!...

Meus caros Diocesanos

«In nomine Domini, procedamus in Pace!» — sigamos em paz, no nome do Senhor...

Concluído este primeiro cinquentenário, vamos encetar o segundo e todos naturalmente desejamos, com ardor, ser dignos dos que nos precederam e dormem agora o sono da paz.

Importa, por isso, que não deixemos perder nenhum dos meios de acção que recebemos; mas todos igualmente vamos estar atentos ao que a Santa Igreja, a quem pertencemos e amamos, nos for propondo, conforme os tempos. E aquele esforço magnífico que os responsáveis têm posto em prática para melhorar as condições do Santuário, no sentido de bem servir, queremos continue sem cessar. E que o Senhor se digne agradecer-Se do nosso esforço humilde para glória do Seu Nome, de Sua Mãe Santíssima e para salvação de almas imortais em todo o mundo.

O Senhor Dom José, meu venerando predecessor e nosso Bispo ao longo de 37 anos, terminava assim a sua Carta Pastoral, «A Providência Divina», que abriu nova época esplendorosa, como muitos de nós podemos testemunhar, ao longo destes 50 anos de graça, e vos recordei na breve síntese que vos deixei nesta exortação:

«Resta-nos, amados Filhos em Nosso Senhor, advertir-vos que, se para nós é um grande motivo de alegria e consolação a graça que a Santíssima Virgem nos concedeu, maior é a obrigação de correspondermos à sua bondade.

A experiência de anos demonstra que «os olhos de Deus estão abertos e os ouvidos atentos às preces neste lugar» (2 Par. 8, 15), mas é preciso que pela pureza da nossa vida prática, dos Mandamentos da Lei de Deus, observância dos Preceitos da Igreja, respeito e submissão às direcções da Sé Apostólica, nos mostremos integralmente católicos, pois nem todo o que diz: «Senhor, Senhor, entrará no reino dos Céus, mas o que faz a vontade de meu Pai que está nos Céus, esse entrará no reino dos Céus» (Mat. 7, 16).

A Santa Igreja, referindo-se ao Mistério da Encarnação do Verbo divino, exclama:

«Ó benefício digno duma eterna gratidão! Deus fez-Se conhecer a nós dum modo visível! a fim de que, vendo-O, sejamos abrasados no amor das belezas invisíveis! (Prefácio do Natal)».

Não poderia eu, seu humilde sucessor, dar melhor remate às palavras que aí ficam. Que a Virgem Santíssima se digne acolher as nossas súplicas e votos e levá-los até ao Trono de Deus, Seu Filho, alcançando-nos a graça de corresponder, de cada vez melhor, aos benefícios que nos trouxe com as suas Aparições em Fátima.

Esta exortação pastoral será lida a todos os fiéis, para seu conhecimento e mais efeitos.

Fátima, Dia de Páscoa da Ressurreição, 14 de Abril de 1968.

† JOÃO, BISPO DE LEIRIA

## PAULO VI EM FÁTIMA



Está à venda, o artístico album comemorativo da Peregrinação de Paulo VI a Fátima, edição da Comissão Central do Cinquentenário.

Dirija os seus pedidos à referida Comissão, Fátima, ou à Administração de "FÁTIMA-50", Fátima.

Esta publicada la edición castellana de este magnífico album conmemorativo de la peregrinación de Su Santidad Paulo VI a Fátima. Puede requisitar los ejemplares que desee a la Administración de "FÁTIMA-50",

Fátima - Portugal

Now, ON SALE... The English edition of this beautiful book, telling all about the Pilgrimage of Paul VI to Fatima.

You can order it at "FATIMA-50"  
Fatima - Portugal

En vente... l'édition Française de cet album commémoratif du pèlerinage de Paul VI à Fatima.

Adressez vos demandes à "FATIMA-50"  
Fatima - Portugal

Ein Kunstvolles Album Zur Erinnerung an die Wallfahrt Paul VI. Ausgabe der Zentralkommission für das 50 jährige Jubiläum.

Bestellungen an obige Kommission oder an die Verwaltung von "FATIMA-50"

Fatima - Portugal

Preço - Precio - Price - Prix - Preis: Esc. 150



## RESÚMENES

### PALABRAS DE PABLO VI A LOS PEREGRINOS DE FATIMA, 13/5/68

Pablo VI quiso asociarse a los peregrinos de Fátima en las ceremonias de clausura del Cincuentenario de las Apariciones. Desde el Vaticano les ha dirigido un radiomensaje del cual publicamos las siguientes palabras que son una prueba más de la gran preocupación del Papa por la causa de la Paz: «En unión con vosotros, hijos carísimos, pedimos a la Bienaventurada Madre de Cristo, como ya lo hicimos el pasado año, en ese mismo local a Ella particularmente consagrado para que, mediante su intercesión, se consiga la Paz interna para la Iglesia Católica, por la virtud del Espíritu Santo y la Paz externa para el mundo aun enturbiado por dolorosos conflictos y por luchas contrarias a la fraternidad humana.»

### CLAUSURA DEL CINCUENTENARIO

El Santo Padre ha enviado un representante especial para presidir a las ceremonias de clausura del Cincuentenario de las Apariciones de Nuestra Señora en Fátima. Ha sido el Eminentísimo Cardenal Pericle Felice. Llegó a Lisboa el 11 de mayo. El 12 ha sido recibido en Fátima por el señor Obispo de Leiria, Mons. Juan Pereira Venâncio e inmediatamente ha presidido la inauguración de la estatua de Pablo VI, erigida junto a la Cruz Alta, para conmemorar su venida como peregrino de la Paz. La estatua, de bronce, sobre un plinto de mármol rosa, representa el Papa orando a la Virgen. Mide 3,60 metros de alto y es de la autoría del escultor Joaquim Correia.

Antes de la inauguración de la estatua el señor Obispo de Leiria proferió una alocución saludando al enviado del Santo Padre, durante la cual ha señalado la eterna gratitud de los portugueses por el gesto del Romano Pontífice y como sus recomendaciones en favor de la Paz serían escuchadas y aplicadas por todos los portugueses. Dijo aun de la verdadera devoción de los lusos para con la Virgen María, una devoción pura, sin excesos ni defectos teológicos.

El Cardenal Felice ha contestado manifestando el amor del Papa por los fieles de Portugal y como Su Santidad ha quedado muy impresionado con su peregrinación a Fátima y como va a quedar grato por este homenaje.

Seguidamente ha sido descubierta la estatua. El plinto muestra tres bajorrelieves, uno con las armas pontificias, otro la sesión del Vaticano II en que la Rosa de Oro ha sido concedida al Santuario portugués y otro representando el Papa a su llegada a Cova da Iria.

Más de 600 000 peregrinos se han reunido en Fátima para las ceremonias

del 12 y 13 de mayo, presididos por la casi totalidad de los Obispos de Portugal Continental, muchos del ultramar y algunos extranjeros. La noche de vigilia ha sido una manifestación imponente de fé y devoción al Santísimo Sacramento.

El 13 hubo concelebración de 26 Obispos, presididos por el Cardenal representante del Papa. El Cardenal Felice habló, al Evangelio, para hacer hincapié en la necesidad de una devoción cada vez más viva a Nuestra Señora, indicando las intenciones por las cuales aquí se habían reunido los peregrinos: unirse a las oraciones del Santo Padre en favor de la Paz en la Iglesia y en el mundo.

### FILATELIA

Un éxito internacional ha constituido la Exposición Filatélica Mariana que se ha inaugurado en Fátima el día 12 y quedó abierta hasta el 26 con gran afluencia de público. Muy grandes y raros valores filatélicos han sido expuestos. Han sido vendidos miles de sobres con el matasellos del día. Quedan muy pocos que pueden los interesados pedir a la Secretaria del Santuario. Ha sido esculpida una medalla de bronce para ofrecer a los participantes pero que se encuentra también en venta para los coleccionadores específicos. Un diploma con una colección de los sellos emitidos en Portugal para conmemorar el Cincuentenario ha sido entregado a cada uno de los participantes.

### EL MUNDO EN FATIMA

Los días 4, 5 y 6 de mayo se han reunido en Fátima para una Ultraya internacional, más de 30 000 cursillistas de todo mundo, particularmente, además de los portugueses, de españoles, italianos, argentinos, brasileños, filipinos, enfin de todos los continentes. Han sido unas jornadas de intensa fé con muchos testimonios de autenticidad cristiana. El Obispo de Carmona, Angola, Doctor Francisco de Mata Mourisca ha predicado sobre la devoción a la Virgen, especialmente del Rosario, afirmando que si María, como afirma la Liturgia la Puerta del Cielo, el Rosario es su llave. Muchos Obispos han participado en esta peregrinación de cursillistas, especialmente su fundador, Mons. Juan Hervas.

Los días 19 y 20 de mayo estuvo en Fátima la gran peregrinación nacional croata-yugoslava, de más de 600 peregrinos, de los cuales sesenta ocho sacerdotes que han concelebrado bajo la presidencia del Cardenal Arzobispo de Zabreg, Franjo Seper y dos Obispos más Mons. Franic, de Slipt y Mons. Celestino Besulinovic, de Hvar. Los peregrinos croatas un edificado todos cuantos han asistido a su peregrinación con la intensa fe de que han dado pruebas.

## RÉSUMÉS

### PAUL VI AUX PELERINS DE FATIMA 13/5/68

Paul VI a voulu s'associer aux pèlerins de Fatima pour les cérémonies de clôture du Cinquantenaire des Apparitions. Du Vatican il leur a adressé un radiomessage dont nous extrayons ces paroles qui montrent la grande préoccupation du Pape pour la Paix: «En union avec vous, très chers fils, nous demandons à la Très Sainte Mère du Christ, comme nous l'avons fait l'année dernière dans ce lieu, qui lui est tout spécialement dédié, que, moyennant Son intercession, on obtienne la paix intérieure pour l'Eglise Catholique, par la vertu de l'Esprit-Saint, et la paix extérieure pour le Monde encore troublé par de douloureux conflits et par des luttes contraires à la fraternité humaine.»

### CLOTURE DU CINQUANTENAIRE

Le Saint-Père a envoyé un représentant spécial pour présider les cérémonies de clôture du Cinquantenaire des Apparitions de Notre-Dame à Fatima. Ce fut S. Eminence le Cardinal Pericle Felice. Il arriva à Lisbonne le 11 Mai. Le 12, il fut reçu à Fátima par l'Evêque de Leiria et présida immédiatement l'inauguration de la statue de Paul VI, érigée près de la Croix Haute pour commémorer sa venue comme Pèlerin de la Paix. La statue, en bronze, sur un socle de marbre rose de Lioz, représente le Saint-Père en prière. Elle a 3 mètres 60 de haut. Elle est l'oeuvre du sculpteur professeur Joaquim Correia.

Avant l'inauguration de la statue, l'Evêque de Leiria prononça une allocution de bienvenue à l'adresse de l'envoyé du Saint-Père. Dans cette allocution il fit ressortir l'éternelle gratitude des portugais pour le geste du Souverain Pontife et assura que ses recommandations en faveur de la paix seront suivies chez nous avec beaucoup d'empressement. Il souligna combien juste et vraie est la dévotion des portugais vis à vis de Notre-Dame, dévotion pure, sans extravagance ni erreurs théologiques.

Le Cardinal Felice répondit en montrant l'amour que le Pape Paul VI ressent pour les portugais. Il assura que Sa Sainteté, impressionnée par son pèlerinage à Fatima, sera certainement très sensible à ce dernier hommage.

La statue, sur laquelle flottait le drapeau du Vatican, fut ensuite exposé à la vue de tous. Son socle présente, en deux bas-reliefs latéraux, une vue du Concile Oecuménique au cours duquel la Rose d'Or fut concédée au Sanctuaire de Fatima et une vue du Saint-Père entrant dans l'enceinte de la Cova da Iria, acclamé par des millions de fidèles. Le frontispice porte les armes pontificales, également en bas-relief, de même pierre.



Environ 500,000 pèlerins se réunirent pour les cérémonies des 12 et 13 Mai. Elles furent présidées par presque tous les Evêques du Portugal continental, plusieurs évêques d'outremer et quelques étrangers. La nuit de la vigile fut impressionnante de foi et de dévotion au Très Saint Sacrement.

Le 13 Mai il y eut une concélébration de 26 Evêques, présidée par S. Eminence le Cardinal Envoyé Spécial. Le Cardinal Pericle Felice repara à l'Homélie, appuyant sur la nécessité d'une dévotion toujours plus vive vis à vis de Notre-Dame et soulignant les intentions pour lesquelles les pèlerins se trouvaient réunis ce jour-là à la Cova da Iria: se joindre aux prières du Saint-Père pour la Paix dans l'Eglise et dans le Monde.

#### LE MONDE A FATIMA

Les 4 et 5 Mai se sont réunis à Fatima pour une «Utreya» internationale plus de 30.000 «coursistes» de tous les pays. Outre des portugais il y avait surtout des espagnols, des italiens, des argentins, des brésiliens, des habitants des Philippines, etc. Ce furent des journées de foi intense au cours desquelles les témoignages authentiques furent nombreux. L'Evêque de Carmona, Angola, D. Francisco da Mata Mourisca prêcha, le 5, sur la dévotion à Notre-Dame, spécialement sur le Chapelet, disant que, si Notre-Dame, comme l'affirme la Liturgie, est la Porte du Ciel, le Chapelet en est la clef. De nombreux évêques participèrent à ce pèlerinage des «coursistes» spécialement le fondateur des cours de Chrétienté, Mgr. Hervas.

Les 19 et 20 Mai a eu lieu à Fatima le grand pèlerinage national yougoslave, constitué par des chrétiens de Croatie. Ils étaient plus de 600. Ce pèlerinage était présidé par le Très Eminent Cardinal Franjo Seper, Archevêque de Zagreb, Président également de la Sacrée Congrégation Romaine de la Doctrine et de la Foi. Deux évêques accompagnaient aussi les pèlerins croates: Mgr. Frane Franc, du diocèse de Slipt et Mgr. Celestino Besulinovic du diocèse de Hvar. Soixante huit prêtres présents parmi les pèlerins concélébrèrent sous la présidence du Cardinal Seper.

Les pèlerins croates édifièrent par leur foi intense et leur piété tous ceux qui purent observer leur pèlerinage.

#### PHILATELIE

L'Exposition Mariale Internationale de Philatélie a connu un succès mondial. Elle s'est tenue à Fatima du 12 au 26 Mai, comme nous l'avions annoncé plusieurs fois dans les numéros antérieurs de notre revue. Elle a été visitée par un nombre incalculable de personnes qui ont manifesté leur étonnement en voyant la grande valeur des timbres exposés, quelques uns extrêmement rares et beaucoup de valeur artistique incomparable. Beaucoup d'enveloppes portant le cachet du jour ont été vendues dans l'enceinte de l'exposition. On peut encore se les procurer en les demandant au Secrétariat du Sanctuaire. Une médaille commémorative, en bronze, a été frappée, elle a été offerte à tous les exposants, et mise également en vente. Chaque exposant a reçu aussi un diplôme de participant avec une collection complète des timbres émis au Portugal pour le Cirtquantenaire des Apparitions.

## SUMMARY

#### PAUL VI TO THE PILGRIMS OF FATIMA 13/5/1968

Pope Paul VI wished to be united with the pilgrims of Fatima at the closing ceremonies of the Golden Jubilee of the Apparitions. His Holiness addressed a radio message to them from the Vatican, from which we quote the following words showing the Pope's great preoccupation about Peace: «In union with you, beloved children, we ask the Most Blessed Mother of Christ, as we did last year in that same place so particularly dedicated to Her, that through Her intercession internal peace may be granted to the Catholic Church, by the power of the Holy Spirit, and external peace be granted to the World still torn by grievous conflicts and strifes contrary to human fraternity.»

#### CLOSING OF THE GOLDEN JUBILEE

The Holy Father sent a special representative to preside at the Closing Ceremonies of the Fiftieth Anniversary of the Apparitions of Our Lady in Fatima, His Eminence Cardinal Pericle Felice. He arrived in Lisbon on May 11th. On the 12th, His Eminence was received in Fatima by the Bishop of Leiria and immediately proceeded to inaugurate the Statue of Paul VI, erected near the High Cross to commemorate the Holy Father's coming as Pilgrim of Peace. The statue, of bronze with a pedestal of Lioz rose marble, represents the Holy Father in prayer. It is 3.60 metres high and was executed by the sculptor, Professor Joaquim Correia.

Before the inauguration of the statue, the Bishop of Leiria, Dom John Pereira Venâncio, gave an address of greeting to the envoy of the Holy Father, in which he stressed the eternal gratitude of the Portuguese for this gesture of the Supreme Pontiff and how his recommendations for peace would be carried out. His Lordship also emphasized the true devotion of the people of Portugal to Our Lady, a devotion which was pure, without any extravagances or theological defects.

Cardinal Felice replied, manifesting the love which Pope Paul VI has for the Portuguese, how touched His Holiness was and how deeply impressed on his pilgrimage to Fatima, and how much he will feel this act of homage.

The statue, partly covered with a Vatican flag, was then unveiled. Two subjects are depicted on the pedestal in low relief, a view of the Ecumenical Council during which the Golden Rose was granted to the Sanctuary of Fatima, and a view of the Holy Father entering the precincts of the Cova da Iria, acclaimed by millions of the faithful. The frontispiece shows the Pontifical arms, also in low relief, of the same stone.

A great throng of over half to a million pilgrims gathered in Fatima for the ceremonies of May 12th and 13th, presided over by almost all the Bishops

of Portugal, continental and overseas, and many foreign prelates. The night vigil was a moving sight of faith and devotion to the Blessed Sacrament.

On the 13th there was concelebration of 26 Bishops presided over by His Eminence Cardinal Legate, special envoy of the Holy Father. Cardinal Pericle Felice spoke again at the homily of the Mass, stressing the necessity of an ever livelier devotion to Our Lady and accentuating the intentions for which all the pilgrims were reunited there in the Cova da Iria on that day: to join in the prayers of the Holy Father for Peace in the Church and Peace in the World.

#### THE WORLD IN FATIMA

On the 4th and 5th of May, more than 30,000 members of the Cursillo movement gathered in Fatima for an international «Utreya». Besides Portuguese, there were Spanish, Irish, Italian, Argentinian, Brazilian, Philippine and American members, in fine, representatives from every continent. These were days lived with intense faith, and authentic witnessing of the faith. The Bishop of Carmona, Angola, Dom Francisco da Mata Mourisca, preached on the 5th on devotion to Our Lady and especially the Rosary, saying that if Our Lady is, as the Liturgy affirms, the Gate of Heaven, the Rosary is the key to that gate. Many Bishops participated in this pilgrimage of Cursillo members, particularly the founder of the movement, Monsignor Hervas.

A big Yugoslavian National Pilgrimage came to Fatima on May 19th and 20th. It was composed of 600 Catholic pilgrims from Croatia, presided over by His Eminence Cardinal Franjo Seper, Archbishop of Zagreb, also President of the Sacred Roman Congregation of Doctrine and Faith. Two Bishops besides, accompanied the Croatian pilgrims: Msgr. Frane Franc of the diocese of Slipt and Msgr. Celestino Besulinovic of the diocese of Hvar. From among the pilgrims, sixty-eight priests concelebrated Mass, presided over by Cardinal Seper.

All who saw this great pilgrimage were truly edified by the intense faith and piety of these Croatian people.

#### PHILATELY

The International Marian Philatelic Exhibition which opened in Fatima on May 12th was an international success. It remained open until the 26th May, as announced at different times in former editions of our review. The exhibition was visited by countless people who expressed their surprise and admiration at the fine philatelic exhibits, some of great rarity and many of incomparable artistic value. Many envelopes with the mark of the day were sold at the exhibition, and can still be obtained on application to the Secretariate of the Sanctuary. A commemorative medal in bronze was coined, and one was given to each exhibitor, and a supply was offered for sale. Each participant was presented with a diploma, together with a complete collection of the stamps issued in Portugal during the Golden Jubilee of the Apparitions.



# FILATELIA

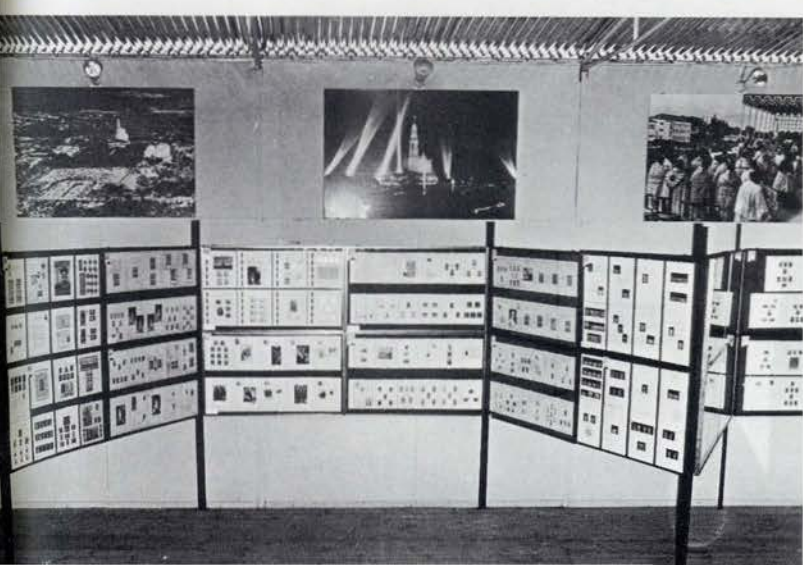
Um êxito completo a I Exposição Filatélica Mariana Internacional. Inaugurada no dia 12 de Maio, esteve patente ao público até ao dia 26 do mesmo mês e registou a visita de cerca de 8.000 pessoas.

Segundo o nosso modo de ver foi o acontecimento de maior relevo e sem dúvida de maior nível artístico de quantos se presenciaram em Fátima durante o Cinquentenário, peregrinações excluídas.

Quanto à qualidade da exposição própria dita, é opinião manifesta de muitos expositores largamente experimentados nestes certames internacionais e de todos os críticos que a visitaram, de que superou todas as outras exposições temáticas a que assistiram.

Os expositores, divididos em duas categorias, segundo o material exposto — peças filatélicas e literatura filatélica — somaram 81, vinte e cinco de literatura e os restantes de peças filatélicas, sendo 49 estrangeiras e 32 nacionais.

Já se disse do local em que se realizou o certame e das comissões que o organizaram. O pavilhão era o último grito em salas de exposição, com material apropriado e muito digno.



Foi cunhada uma medalha de bronze de que foi oferecido um exemplar a cada expositor, publicaram-se sobrescritos comemorativos, um artístico roteiro e um folheto descritivo do tema apresentado pelo Santuário — “*Mensagem de Fátima*” — da autoria do nosso colaborador e Comissário Geral da Exposição, sr. Francisco Pereira de Oliveira. No próximo número publicaremos num primeiro artigo de pormenor sobre a exposição, uma análise crítica deste trabalho deveras notável.

Um carimbo de 1.º Dia foi criado expressamente e aposto a correspondência expedida da exposição ou aposto em selos, sobrescritos, etc. segundo o gosto dos colecionadores e a pedido destes. Ainda é possível obter, no Santuário, sobrescritos com esta marca.

Insiste-se, de vários lados, para que a Exposição seja repetida noutros locais, sobretudo em Lisboa e aguarda-se uma decisão dos responsáveis que, porventura, será favorável, dado o eco internacional que a mesma provocou.

Neste número limitamo-nos a oferecer alguns documentos fotográficos da Exposição e, nos seguintes, pormenorizada descrição.

RENOVAMOS A CADA DIA  
A NOSSA TRADIÇÃO  
DE BONS SERVIÇOS



Organização Bancária

**PINTO DE MAGALHÃES**

PORTO — R. Sá da Bandeira, 53 — Tel. 20133  
LISBOA — Rua do Ouro, 95 — Tel. 370021



**AGÊNCIAS E CORRESPONDENTES  
EM TODO O PAÍS E NO EXTERIOR**





Aspectos da última peregrinação do Cinquentenário. A Virgem, regressando à Capelinha das Aparições, convida-nos a continuar a visitá-La.

